

Universidade de Évora



**Relatório da Prática de Ensino Supervisionada em Ensino de Artes Visuais
no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário**

Relatório apresentado à Universidade de Évora, para a obtenção do grau de mestre em Ensino de Artes no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, realizado sob a orientação pedagógica dos professores cooperantes Paulo Matias e Carlos Guerra e orientação científica do Prof. Doutor Leonardo Charréu.

Ana Sofia Almeida Henriques, n.º 5351

2009-2010

Universidade de Évora



**Relatório da Prática de Ensino Supervisionada em Ensino de Artes Visuais
no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário**

Relatório apresentado à Universidade de Évora, para a obtenção do grau de mestre em Ensino de Artes no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, realizado sob a orientação pedagógica dos professores cooperantes Paulo Matias e Carlos Guerra e orientação científica do Prof. Doutor Leonardo Charréu.

Ana Sofia Almeida Henriques, n.º 5351



177919

2009-2010

Relatório da Prática de Ensino Supervisionado em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

Resumo

Este relatório foi elaborado no âmbito do mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Secundário, na Universidade de Évora (UE). Reporta-se à unidade curricular *Prática de Ensino Supervisionada* (PES) realizada nas Escolas EBI André de Resende e na Escola Secundária Gabriel Pereira, em Évora, no ano lectivo 2009-2010.

O Prof. Doutor Leonardo Charréu (UE), orientador científico, os professores orientadores cooperantes Paulo Matias e Carlos Guerra, constituíram o apoio ao núcleo de estágio das alunas Cristina Malta e Ana Sofia Henriques (autora deste relatório).

O Prof. Doutor Leonardo Charréu assistiu a quatro aulas nas disciplinas de Educação Visual e Desenho A. O relatório da PES relata os objectivos de trabalho, planificações, metodologias e instrumentos de avaliação nas disciplinas de Educação Visual e Desenho A e nas actividades extracurriculares realizadas. Teve como intuito, também, elaborar uma análise reflexiva do trabalho desenvolvido na aprendizagem da PES.

Palavras-chave: Prática de Ensino Supervisionada, Ensino de Educação Visual, Ensino de Desenho, mestrado em Ensino de Artes Visuais

Report of Supervised Teaching Practice in Visual Arts Teaching in the 3rd Basic Cycle and Secondary Education

Abstract

This report was developed during the Master in Visual Arts Teaching in the 3rd Basic Cycle and Secondary Education at the Évora University. The Supervised Teaching Practice unit (referred under the Portuguese acronym PES) was completed at the EBI André de Resende School and at the Secondary School Gabriel Pereira, in Évora, in 2009-2010.

The Professor Leonardo Charréu (UE), Scientific Supervisor and the teachers/ local supervisors Paulo Matias and Carlos Guerra, supported the internship of the master students Cristina Malta and Ana Sofia Henriques. Professor Leonardo Charréu observed four lessons in *Visual Education* and *Drawing A* disciplines.

The PES report describes the work objectives, planning, methodologies, and evaluation methods in the Visual Education and Drawing A subjects and the extra-curricular activities. The objective was also to develop a reflective analysis of the work made during the entire learning period of PES.

Keywords: Practical Teaching Unit, Visual Education Teaching, Drawing Teaching, Master in Visual Arts Teaching

Agradecimentos

Ao Prof. Doutor Leonardo Charréu, orientador científico do estágio de Prática de Ensino Supervisionada, pela sua disponibilidade e pelo seu empenhamento, pela sua orientação científico-pedagógica criteriosa e crítica, o que estimulou e permitiu uma evolução pessoal. Um agradecimento ainda especial pelas palavras de ânimo e encorajamento que muitas vezes me permitiram vencer os obstáculos deste processo.

Aos professores Paulo Matias e Carlos Guerra, professores orientadores cooperantes, pelo apoio diário prestado no progresso deste estágio. Terminei-o com a certeza de que nunca vos esquecerei. Um agradecimento pela vossa disponibilidade em prestar orientação e esclarecimentos necessários ao meu desempenho durante a Prática de Ensino Supervisionada. Uma vez mais, obrigada.

Ao Manuel Canavilhas, meu companheiro e amigo, pelo apoio e compreensão. Sem ele, esta etapa teria sido mais difícil. Obrigada, pela tua amizade e carinho.

À minha família pela paciência e compreensão, ficando desde já a promessa de que a partir de agora tentarei estar mais presente.

Às minhas amigas, Susana Abraços, Susana Contreiras, Susana Rosa e Rita Gouveia pelo apoio incondicional, obrigada pela vossa amizade. À Maria Ribeiro, colega do mestrado, pela sua disponibilidade, pelo apoio e incentivo que sempre prestou, o que fez nascer uma enorme amizade.

Em especial à amiga Isabel Coelho da Fonseca, pelo apoio, partilha de experiências e conselhos que sempre me ajudaram. Será sempre uma referência a seguir.

À Escola EBI André de Resende e aos alunos do 8.º E, à Escola Secundária Gabriel Pereira e aos alunos do 12.º H, que me acolheram e consentiram o desenvolvimento das actividades deste estágio, um muito obrigada.

Por fim, agradeço a todos os que me incentivaram para a realização deste trabalho e me ajudaram a «aprender» enquanto profissional.

ÍNDICE

Introdução	3
CAPÍTULO I	4
I. 1. Escola EBI André de Resende	4
I. 1. 1. Instalações escolares	4
I. 1. 2. Caracterização da turma 8. ° E	7
I. 2. Preparação científica, pedagógica e didáctica.....	8
I. 2. 1. Disciplina de Educação Visual – 8.º ano	8
I. 2. 2. Orientações curriculares	8
I. 2. 3. Planificações	10
I. 2. 4. Conteúdos pedagógicos seleccionados	11
I. 2. 5. Condução de aulas	12
I. 2. 6. Reflexões	19
CAPÍTULO II	21
1. Escola Secundária Gabriel Pereira	21
II. 1. 1. Instalações escolares	21
II. 1. 2. Caracterização da turma 12.º H	23
II. 2. Preparação Científica, Pedagógica e Didáctica	23
II. 2. 1. Disciplina de Desenho A – 12. ° ano	23
II. 2. 2. Orientações curriculares	23
II. 2. 3. Planificações	25
II. 2. 4. Conteúdos pedagógicos seleccionados	26
II. 2. 5. Condução de aulas.....	27
II. 2. 6. Reflexões	33

CAPÍTULO III	34
1. Actividades extracurriculares	34
III. 1. 1. Sala das Cores – Alunos com NEE - Reflexões	34
III. 1. 2. Colaboração na organização da exposição de trabalhos de alunos com NEE, na Direcção Regional de Educação do Alentejo	42
 CAPÍTULO IV	 44
Considerações finais	44
 BIBLIOGRAFIA	 45
 LISTA DE ANEXOS	 48

Introdução

Este relatório refere-se à Prática em Ensino Supervisionada (PES), realizada no âmbito do curso de mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo e Secundário na Universidade de Évora.

Segundo o Regulamento da Prática de Ensino Supervisionada dos Cursos do 2.º ciclo ministrados, que conferem Habilitação Profissional para a Docência na Educação Pré-Escolar, dos Ensinos Básico e Secundário, no artigo 2.º, n.º 2, é referido, «...as actividades a desenvolver no âmbito da PES proporcionam aos estudantes experiências de planificação, ensino e avaliação, de acordo com as competências e funções cometidas ao docente, dentro e fora da sala de aula, e promove uma atitude crítica e reflexiva em relação aos desafios, processos e desempenho do quotidiano profissional» (Universidade de Évora, 2010, p. 2).

A unidade curricular da PES, em Ensino de Artes Visuais, iniciou-se no dia 12 de Outubro de 2009 e terminou no dia 2 de Março de 2010 na Escola EBI André de Resende, em Évora e reiniciou-se em 16 de Maio de 2010 e terminou em 8 de Junho de 2010, na Escola Secundária Gabriel Pereira, em Évora, visto não ter sido possível compatibilizá-la em Évora numa única Escola, situação que está contemplada no artigo 2.º, n.º 6, do referido Regulamento.

O núcleo de estágio n.º 1 compreendia as mestrandas Cristina Malta e Ana Sofia Henriques (autora deste relatório), tendo sido coordenado pelo orientador científico da Universidade de Évora, o Prof. Doutor Leonardo Charréu, pelo orientador cooperante da Escola EBI André de Resende, professor Paulo Matias e pelo orientador cooperante da Escola Secundária Gabriel Pereira, professor Carlos Guerra.

A PES foi efectuada num total de 67 aulas, 147 tempos. Quatro das referidas aulas foram assistidas pelo Prof. Doutor Leonardo Charréu, duas em cada escola.

Os capítulos I e II, «Escola EBI André de Resende» e «Escola Secundária Gabriel Pereira» compreendem as actividades realizadas, tais como preparação, planificação e condução de aulas das disciplinas de Educação Visual e Desenho A. Neles também serão focados aspectos específicos inerentes às escolas, caracterizadas as turmas nas quais a autora deste relatório foi colocada e será feita uma análise da prática de ensino nas disciplinas anteriormente referidas. O capítulo III refere as actividades extracurriculares. O último capítulo reflecte sobre a PES em geral, após a sua concretização.

O relatório termina com a apresentação da bibliografia inerente à realização deste trabalho e com alguns anexos fundamentais à interpretação do trabalho desenvolvido durante todo o ano lectivo.

CAPÍTULO I

I. 1. Escola EBI André de Resende

Com consciência da importância deste ano lectivo, iniciou-se este período de formação na Escola EBI André de Resende. Projectava-se um período real de conhecimento da área de formação no qual se poderia colocar em prática os conhecimentos adquiridos na Universidade.



I. 1.1 Instalações escolares

Escola EBI André de Resende

A Escola Básica Integrada André de Resende é a sede do Agrupamento n.º 2 de Évora e fica situada na Avenida Gago Coutinho, no Bairro da Sr.ª da Saúde, em Évora.

		Docentes	Não Docentes
Escola EBI André Resende	1.º Ciclo	4	18 Auxiliares de educação 7 Bar - refeitório 10 Administrativos
	2.º e 3.º Ciclo	70	0
Afectos ao Agrupamento	Apoio Educativo 1.º Ciclo	5	2 Auxiliares de educação
	Educação Especial/ UAM	4	½ Terapeuta da fala ½ Fisioterapeuta
	Serviços Psicológicos	0	1
Total		84 Docentes	38 - Tempo inteiro 2 - Meio tempo

Escola EBI André Resende	N.º Turmas	N.º Alunos	N.º Alunos com NEE	N.º Alunos A.S.E.
1.º Ciclo	3 – 4.º ano	61	10	10
2.º Ciclo	8 – 5.º ano 6 – 6.º ano	353	17	103
3.º Ciclo	8 – 7.º ano 5 – 8.º ano 6 – 9.º ano	437	33	108
Secundário/EFA	1 – 12.º ano	5	0	0
Total	37 Turmas	856 Alunos	60 Alunos	221 Alunos

A Escola foi inaugurada em 1976 e aguarda a realização de obras de requalificação.



Sala de aula

Após uma primeira reunião, com todos os alunos dos núcleos de estágios e professores orientadores cooperantes, fomos convidados a visitar a Escola, o que se revelou importante, pois ficámos a conhecer o espaço físico e a comunidade educativa. Neste primeiro contacto, constatámos que, embora o edifício não fosse muito antigo, necessitava de remodelações. A sala de aula onde iria exercer a docência não era muito grande. Tendo trinta mesas, os espaços de circulação tornavam-se apertados, não permitindo outras organizações, como por exemplo as mesas em U.

A sala estava equipada com computador, Data-show e lavatório. Existia, em anexo, um pequeno armazém.

I. 1. 2. A Caracterização da turma 8.º E

Ao orientador cooperante da Escola, professor Paulo Matias, foram atribuídas três turmas: duas do 7.º ano e uma do 8.º ano.

A distribuição das unidades de Prática de Ensino Supervisionada foi orientada de modo que cada estagiária leccionasse em uma das turmas do professor orientador cooperante. Do conjunto de aulas, duas seriam assistidas, não só pelo orientador cooperante como pelo orientador científico.

O núcleo de estágio teve intervenção directa nas turmas 7.º E, 8.º E e na Sala das Cores com um pequeno grupo de alunos com necessidade educativas especiais (NEE). Foi atribuída à colega de núcleo a turma do 7.º ano, e à autora deste relatório, a turma E do 8.º ano.

A turma E do 8.º ano era composta por vinte sete alunos, sendo doze do género feminino e quinze do género masculino. Não apresentavam qualquer retenção no 3.º Ciclo, pelo que as idades dos alunos se compreendiam entre os treze e catorze anos. Contudo, constituíam um grupo muito heterogéneo, com alguns elementos com dificuldades de concentração e falta de iniciativa para desenvolver as actividades escolares. Concomitantemente, existia um grupo de alunos muito motivados para a realização de actividades mais práticas.

Esta situação foi de crucial importância, pois permitiu procurar estratégias que respondessem às necessidades dos dois grupos de alunos.

Durante o ano lectivo, reflectindo sobre o comportamento, a assiduidade e a pontualidade dos discentes, é de referir no geral, que tudo decorreu de forma bastante satisfatória, destacando pela negativa o comportamento de apenas três alunos.

I. 2. Preparação científica, pedagógica e didáctica

I. 2. 1. A disciplina de Educação Visual – 8.º ano

A disciplina de Educação Visual do 8.º ano é trianual, leccionada em dois tempos (noventa minutos) semanais. Os dois primeiros anos são de carácter obrigatório, e o terceiro é opcional. A disciplina dá continuidade às disciplinas de Educação Visual do 7.º ano e à de Educação Visual e Tecnológica do 2.º Ciclo do Ensino Básico. Constitui o prosseguimento dos conhecimentos adquiridos até ao momento pelos alunos na área de Educação das Artes Visuais. Assim, os conceitos fundamentais apreendidos servem de base às unidades a leccionar, tornando-se inevitável reflectir sobre os conteúdos abordados.

I. 2. 2. Orientações curriculares

Relativamente às competências gerais de Operacionalização Transversal, e de acordo com o decidido na primeira reunião de conselho de turma, tendo como base o Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais, acordou-se seguir e trabalhar as competências gerais definidas para a turma E do 8.º ano.

As planificações de todas as aulas e actividades tiveram sempre em consideração o Currículo Nacional do Ensino Básico para a Educação Artística, especificamente a Educação Visual no 3.º Ciclo, e o Ajustamento do Programa de Educação Visual do 3.º ciclo. Estes documentos, da responsabilidade do Ministério da Educação, foram alvo de consulta. Segundo estes, «a educação visual é uma disciplina fundamental para a Educação global do cidadão» (Ministério da Educação, s/d, p. 2) e «a arte como forma de compreender o Mundo permite desenvolver o pensamento crítico e a sensibilidade, explorar e transmitir valores, entender as diferenças culturais e construir-se como expressão de cada cultura» (Ministério da Educação, 2001, p. 155).

A unidade de trabalho escolhida, «*Projecto de uma Cadeira*», procurou responder a vários pontos do Currículo Nacional do Ensino Básico para a Educação Artística na disciplina de Educação Visual. Foi nosso intuito que os alunos adquirissem as competências específicas. Nesta unidade didáctica tivemos como objectivo de trabalho:

« Identificar e relacionar as diferentes manifestações das Artes Visuais no seu contexto histórico e sociocultural, de âmbito nacional e internacional, dentro do eixo Fruição – Contemplação;

Realizar produções plásticas usando elementos de comunicação e da forma visual, dentro do eixo Produção – Criação;

Reconhecer a permanente necessidade de desenvolver a criatividade de modo a integrar novos saberes;

Desenvolver o sentido de apreciação estética e artística do mundo recorrendo a referências e a experiências no âmbito da Artes Visuais, relacionadas com o eixo Reflexão – Interpretação» (Ministério da Educação, 2001, p. 157).

No âmbito da Comunicação Visual pretendeu-se que os alunos aprendessem a:

« Ler e interpretar narrativas nas diferentes linguagens visuais;

Entender o desenho como um meio de representação quer expressiva quer rigorosa das formas;

Conhecer formas obedecendo a alguns princípios de representação normalizada.

No âmbito dos Elementos da forma, permitir que os alunos compreendessem:

As relações do homem com espaço, escala, movimento, ergonomia e antropometria;

Através da representação de formas, os processos subjacentes à percepção do volume;

Criar composições a partir de observações directas e de realidades imaginadas.»
(Ministério da Educação, 2001, p. 158-160).

Segundo indicações metodológicas de aprendizagem do Currículo Nacional do Ensino Básico para a Educação Artística na disciplina de Educação Visual, pretendeu-se incentivar: práticas de investigação; utilização das tecnologias da informação e comunicação; práticas interdisciplinares; contactos com diferentes tipos de culturas e em diferentes épocas;

exploração de diferentes formas, técnicas de criação e processos comunicacionais. (Ministério da Educação, 2001, p. 150-151).

Os dois documentos anteriormente referidos apontam, também, para alguma flexibilidade dos conteúdos, que o professor deve gerir de acordo com as características da escola, da turma e para o acontecimento de situações imprevistas. (Ministério da Educação, 2001, p. 161) (Ministério da Educação, s/d, p. 3).

I. 2. 3. Planificações

A Prática de Ensino Supervisionada começou a ser preparada desde os primeiros instantes, com a presença em todas as aulas do orientador cooperante professor Paulo Matias, discutindo e ponderando as dúvidas pedagógicas e científicas.

O núcleo de estágio reunia com o professor Paulo Matias todas as semanas. Debatiam-se as aulas anteriores e planeavam-se as seguintes. Logo no princípio da PES foram especificados os objectivos de aprendizagem e de desenvolvimento pretendidos e estruturou-se um conjunto de conhecimentos, atitudes e aptidões cognitivas, que os discentes deveriam possuir quando terminassem o 8.º ano. Do mesmo modo, as competências específicas, das planificações, que resumiam as competências de aprendizagem do Currículo Nacional da Disciplina de Educação Visual, foram objecto da nossa reflexão.

Ponderou-se que, pelo facto da disciplina de Educação Visual não ser obrigatória no 9.º ano, a selecção dos temas dentro dos conteúdos deveria ser criteriosa, de maneira que os alunos se sentissem estimulados para prosseguir no 9.º ano ou adquirissem conhecimentos de utilidade para o seu futuro.

Dentro das planificações eram, também, definidas: a calendarização; os recursos necessários; as estratégias e/ou actividades, apresentações em PowerPoint, fichas de trabalhos ou fichas informativas e exercícios; os instrumentos e critérios de avaliação, avaliação de trabalhos práticos e observação directa da metodologia e das atitudes.

As planificações a curto prazo das aulas e as actividades tinham, também, como objectivo ajudar à compreensão de dificuldades detectadas no desenvolvimento do exercício, procurando incentivar a participação e o interesse de todos. Outra das preocupações na

planificação das aulas foi a condução da aula de modo a aplicar os conceitos e a reflectir sobre eles.

As reuniões com o professor orientador cooperante ocorriam de forma aberta sentindo-se, a autora deste relatório, apoiada, na medida em que, o professor Paulo Matias se mostrava muito receptivo a todas sugestões, incentivando-as.

I. 2. 4. Conteúdos pedagógicos seleccionados

Como consta da planificação anual da disciplina de Educação Visual do professor cooperante, os conteúdos, *O Design e As Estruturas Tridimensionais* foram seleccionados e planificados no início do ano lectivo.

Iniciou-se o estágio tendo sido facultada a planificação. Posteriormente, acordou-se com o professor Paulo Matias que a unidade de trabalho consistiria em executar o projecto de uma cadeira e na construção de um modelo tridimensional à escala de 1:5, e delinearam-se algumas estratégias.

Os alunos já tinham começado a abordagem aos conteúdos planificados, pelo que se deu continuidade ao trabalho anteriormente começado.

Como anteriormente referido, no ponto 2. 1, a unidade de trabalho escolhida estava enquadrada no Currículo Nacional do Ensino Básico para a Educação Artística, especificamente para Educação Visual do 3.º Ciclo e no Ajustamento do Programa de Educação Visual do 3.º ciclo, contemplando-se inúmeros objectivos gerais de aprendizagem e competências.

Assim, na unidade de trabalho «Projecto de uma Cadeira» deu-se relevo a conteúdos como: *elementos visuais na comunicação*, fazendo levantamentos gráficos de objectos; *códigos de comunicação visual*, elaborando gráficos e esquemas de conceitos e procura de soluções; *representação do espaço*, executando desenhos de objectos num espaço e, também, a representação técnica de objectos utilizando as suas projecções ortogonais; *relação homem-espaço*, projectando um objecto, tendo em conta a relação espaço-homem; *estruturas/forma/função*, representando a estrutura de um objecto, suporte de uma forma e dando-a a conhecer, também, como princípio organizador dos elementos que a constituem, relacionando, simultaneamente, a forma e a função do objecto com a sua estrutura; *Percepção*

visual da forma, distinguindo as qualidades formais, as geométricas e as expressivas; *factores que determinam a forma dos objectos*, compreendendo os factores físicos, económicos, funcionais e estéticos de um objecto.

Para alcançar os resultados desejados, estes conteúdos foram abordados de forma integrada e prática, e nunca isolada ou de forma descontextualizada. Pretendia-se que, quer no trabalho na área do design quer na construção de um modelo tridimensional, os alunos compreendessem o processo inerente ao acto de criar, desenvolvessem um trabalho investigativo, valorizassem e apreendessem melhor uma parte da envolvente que os rodeava, não tendo como finalidade criar uma obra de design.

I.2.5. Condução de aulas

A Prática de Ensino Supervisionada, um instrumento de base na formação de um docente, foi sempre devidamente trabalhada sob a orientação do professor orientador cooperante, planificando, retirando dúvidas de carácter científico e analisando hipóteses pedagógicas para futuro desenvolvimento.

Tivemos como objectivo motivar os alunos e conseguir transmitir de forma cientificamente correcta os conteúdos propostos.

A unidade curricular da PES, em Ensino de Artes Visuais, iniciou-se na Escola EBI André de Resende. Tendo assistido às aulas do 7.º ano da colega de núcleo, a autora deste relatório irá reflectir sobre as aulas em que a sua intervenção foi mais directa na turma.

Na fase inicial, a função das estagiárias consistiu em observar as aulas do professor orientador cooperante e apoiar os alunos na elaboração dos trabalhos práticos. Este período possibilitou o conhecimento recíproco do núcleo de estagiárias e da turma. Permitiu observar as suas características e as dificuldades mais comuns e, também, observar e analisar como o professor Paulo Matias leccionava as aulas, a sua metodologia, as comunicações, as deslocações, os apoios prestados aos alunos e a forma de manter a disciplina na sala de aula.

Nas duas primeiras aulas, os alunos que tinham começado anteriormente a abordagem ao primeiro conteúdo efectuavam desenhos de objectos. Testemunhámos como o professor resolvia as várias situações que iam surgindo, como esclarecia as dúvidas de forma simples e clara. Tivemos, também, a possibilidade de intervir no esclarecimento e no acompanhamento do exercício.

A terceira aula consistiu na realização de uma ficha de avaliação sobre conteúdos relacionados com design, que tinha sido elaborada pelo professor, relacionando-se com conteúdos leccionados anteriormente.

A aula iniciou-se com a leitura da ficha em voz alta e com o esclarecimento de dúvidas comuns a vários alunos. Foi prestado apoio sempre que solicitado.

Estas primeiras aulas e a realização da ficha de avaliação permitiram também retirar conclusões mais objectivas, caracterizar melhor cada aluno, apontar necessidades específicas individuais e pensar nas estratégias a desenvolver.

Após as aulas anteriores, acordou-se com o professor que seria benéfico voltar a transmitir alguns conceitos, ainda não adquiridos por alguns alunos.

Deste modo, foi sugerido que na quarta aula a autora deste relatório tivesse uma intervenção mais directa. Foi nesta aula que a Prática de Ensino Supervisionada «começou»!

Com o recurso à projecção de um PowerPoint, reviu-se de forma sucinta a matéria anteriormente leccionada sobre design. Explicou-se o método de projectar utilizado em design, os vários tipos de representação gráfica, noções gerais de ergonomia, e mostraram-se alguns exemplos de cadeiras desde o século do XIX até à actualidade. Foram exibidos um modelo da cadeira Red and Blue e outro da cadeira Zig-zag, à escala de 1:10, que executáramos.

Pretendia-se apresentar o trabalho seguinte, que consistia em projectar uma cadeira e executar um modelo à escala de 1:5.

Deram-se indicações claras e sucintas, de forma a facilitar a percepção dos alunos sobre o trabalho e os objectivos pretendidos, pedindo aos alunos colaboração na pesquisa e que levassem para a aula o resultado dessa pesquisa.

A aula prosseguiu com a realização do trabalho. A reacção da turma foi participativa, com colocação de dúvidas pertinentes.

Na quinta aula, o professor corrigiu oralmente a ficha de avaliação, solicitando a participação dos alunos. Vários alunos leram determinadas respostas, o que possibilitou uma reflexão em conjuntos de várias questões e o seu esclarecimento. Durante a correcção da ficha de avaliação, o núcleo de estágio observou, não intervindo.

Prosseguiu-se com a continuação da realização do projecto iniciado na aula anterior. Os alunos tiveram a oportunidade de apresentar algumas das imagens que tinham pesquisado. Alguns alunos não tinham participado na pesquisa, mas todos entrevistaram e trabalharam. O professor e o núcleo de estágio acompanharam e esclareceram dúvidas.

Na sexta aula, de carácter mais prático, os alunos prosseguiram com os seus projectos de cadeira iniciados anteriormente. Sentiu-se um envolvimento crescente por parte dos discentes e vontade de participar. Acompanhámos e elucidámos questões. Sempre que nos parecia que a dúvida era ou poderia ser de âmbito geral, dava-se uma explicação em voz alta, para que todos pudessem ouvir. Na realização do trabalho, a autora deste relatório apercebeu-se da sua complexidade e, consequentemente, da dificuldade que constituía para os alunos dimensionarem a cadeira, manter as proporções e aplicar uma escala.

Na sétima aula, e porque na sua preparação se tinham detectado dificuldades sobre a matéria das escalas por parte dos alunos, apresentou-se um PowerPoint, procurando relacionar esta matéria com os conhecimentos adquiridos em outras disciplinas, como a Matemática. Os alunos reconheciam as formas semelhantes e tinham noções de proporção. Fizeram-se, também, analogias com a disciplina de Geografia mostrando mapas com várias escalas. Reflectiu-se em conjunto que, uma vez que os objectos são feitos para o homem os utilizar, as medidas estão relacionadas com as do nosso corpo, tendo sido estudadas e referenciadas em tabelas ergonómicas. Um diapositivo, com uma imagem, foi apresentado como exemplo e elucidava sobre o intervalo de medidas possíveis para a realização de uma cadeira.

Os alunos aplicaram estas noções no exercício prático, sendo apoiados na sua elaboração.

Pudemos concluir que a projecção do PowerPoint, sendo convenientemente explorado conduz a uma optimização do trabalho, pois de uma maneira geral os exercícios foram bem conseguidos.

No fim da aula, pedimos a entrega do trabalho que tinham realizado até àquele momento, incluindo todos os esboços, esquiços, esquemas, desenhos e modelos que

elucidassem as suas propostas. Os alunos iriam ser avaliados, uma vez que era a penúltima aula do primeiro período, última antes da auto-avaliação.

Nos dias 1 e 8 de Dezembro não houve aula, por ser feriado.

Na oitava aula assistida, entregaram-se os exercícios e foi feito o ponto de situação de cada discente. Os alunos tiveram a oportunidade de preencher uma ficha de auto-avaliação, com o intuito de avaliarem atitudes, valores e o seu empenho na disciplina de Educação Visual. Foi também proposto aos alunos que deixassem sugestões para uma maior eficácia das futuras aulas.

Após a reflexão conjunta, os discentes continuaram a executar o projecto da cadeira.

No final da sessão, foi entregue uma lista de materiais necessários ao funcionamento das aulas, para que os alunos verificassem os que não possuíam e adquirissem posteriormente.

De 18 de Dezembro de 2009 a 3 de Janeiro de 2010, houve a pausa para as férias do Natal.

Na nona aula, a primeira do segundo período, após um breve resumo dos conteúdos anteriormente leccionados, apresentou-se um PowerPoint que tínhamos preparado, sobre os grandes grupos de materiais. Foi tomada esta decisão porque constatámos, com base nas questões referidas pelos alunos, que isso constituía uma dificuldade comum à maioria dos alunos. Assim, havendo pontos em comum, relacionámos este conteúdo com os leccionados na disciplina de Ciências Físico-Químicas.

A aula prosseguiu, recorrendo-se a alguns exemplos de maquetas, explicando que podiam e deviam reutilizar os materiais na construção dos modelos tridimensionais. Os alunos foram alertados para a Gestão Sustentável dos Recursos Naturais e para o consumismo excessivo, relacionando este conteúdo com a disciplina de Ciências Naturais. A abordagem realizada pretendeu, também, uma contextualização de conceitos.

Torna-se evidente a importância da interdisciplinaridade na aprendizagem dos alunos, sendo produtivas as associações entre as disciplinas.

A aula terminou tendo os alunos experimentado a concretização da construção de modelos tridimensionais e efectuado oralmente um resumo da lição.

À décima aula assistiram o professor orientador científico, Prof. Doutor Leonardo Charréu, o professor orientador cooperante e a colega de núcleo.

A explicação, integrada na área do design e sobre a competência específica que trabalhávamos, conceber projectos e organizar com funcionalidade e equilíbrio os espaços bidimensionais e tridimensionais, foi antecedida, como habitualmente, pelo relembrar do que se leccionara na aula anterior.

Num segundo momento, foi apresentada em PowerPoint a cadeira *Red and Blue*, de Gerrit Rietveld, objecto de estudo, abordando os aspectos históricos, estéticos e crítico. Foram expostos, ainda, quatro modelos da cadeira *Red and Blue*, que realizámos em madeira de pinho e balsa, às escalas de 1:1, 1:3, 1:5 e 1:10.

Tratando-se de réplicas, foi referida a utilização indevida de cópias e a importância dos direitos de autor.

Verificou-se que a estratégia de exibirmos modelos da cadeira superou as nossas expectativas. Os alunos, ao observarem os quatro modelos, em especial o de escala de 1:1, mostraram-se muito interessados, mas, não tendo como intuito obter uma turma em silêncio, foi o que aconteceu.

Numa terceira fase, no âmbito da actividade prática, apresentou-se aos alunos o exercício a realizar, a construção de uma maquete à escala de 1:5. Apoiados numa ficha, os alunos teriam de cortar as peças em balsa e, com o auxílio de alfinetes, experimentar várias hipóteses de construção de uma cadeira. Não se pretendia que fizessem uma cópia, devendo primeiro ensaiar várias combinações e, por fim, tentar reproduzir o modelo da cadeira.

Os alunos iniciaram a execução da maquete da cadeira *Red and Blue*, mostrando-se muito empenhados e participativos, tendo sido acompanhados na sua elaboração. O trabalho foi realizado por pares de alunos, o que facilitou a interacção e a promoção das capacidades de raciocínio, de trabalho e honestidade.

Por outro lado, foi um exercício em que puderam, de forma prática, constatar conceitos que dificilmente poderiam verificar.

Os alunos fizeram um resumo das actividades para terminar a aula.



Trabalhos dos alunos - Modelos Tridimensionais - A cadeira Red and Blue

Relativamente à gestão do tempo da aula registou-se uma alteração. Os alunos necessitaram de mais tempo para realizar o trabalho que estava programado, pois este revelou-se longo para o tempo previsto.

Uma vez que apenas três grupos concluíram o trabalho, o professor orientador cooperante e a autora deste relatório decidiram prolongar o exercício na aula seguinte.

Na décima primeira aula, num primeiro momento, recorreu-se ao visionamento de um outro PowerPoint em que revimos os aspectos focados na aula anterior. Nessa apresentação, foi fundamental explorar bem as imagens projectadas, pretendendo-se que os alunos reflectissem na forma como se construía o modelo tridimensional da cadeira *Red and Blue*. Facultou-se uma ficha de informação com o esquema da montagem, e a aula prosseguiu tendo os alunos sido apoiados pelos colegas que tinham terminado o exercício na aula anterior.

Os modelos das cadeiras não ficaram exactamente iguais, mas esse era um dos objectivos. No fim da aula, questionaram-se os alunos sobre o motivo das diferenças entre os modelos das cadeiras. Reflectindo em conjunto, verificámos que faltava algo que tornasse a construção do modelo mais rigorosa: apesar de conhecerem a posição das peças, não estava assinalado o local exacto de contacto das mesmas.

Esta constatação seria o ponto de partida para a aula seguinte.

Terminámos com a visualização de um diapositivo em que se esquematizaram as ideias principais, para mostrar a diferença entre objectos artesanais e industriais. Realçou-se que nos objectos artesanais é valorizada a diferença, enquanto nos industriais, pelo contrário, os

padrões de qualidade exigem a «igualdade» e uma construção com rigor. Relacionou-se, também, este tema com o conteúdo leccionado na disciplina de Educação Tecnológica.

Aula assistida em 26 de Janeiro de 2010

A décima segunda aula foi assistida pelo professor orientador científico, Prof. Doutor Leonardo Charréu, pelo professor orientador cooperante e pela colega do núcleo de estágio. Como habitualmente, a aula iniciou-se com a colaboração dos alunos relembrando os assuntos abordados nas últimas sessões. Referiu-se anteriormente que as constatações da aula anterior tinham levantado uma nova questão: como efectuar um desenho rigoroso, que permitisse a realização de um objecto e a sua repetição «exactamente» igual. Foi esta a questão que procurámos resolver.

Deste modo, a aula continuou com a exploração de um PowerPoint com o objectivo de introduzir as projecções ortogonais, o que eram e para que serviam.

Também se expuseram modelos dos planos e alguns sólidos geométricos e demonstraram-se as projecções dos sólidos no triedro. Apresentaram-se dois modelos tridimensionais de uma cadeira, às escalas de 1:2 e 1:1, e as suas respectivas projecções, com cada face de cores diferentes, de modo a facilitar aos alunos a percepção dos conteúdos.



Modelo da cadeira colorida

Posteriormente, os alunos executaram uma ficha, com a finalidade de desenhar as projecções ortogonais da cadeira que estavam a observar e pintar com a respectiva cor a face correspondente à do modelo.

Após a conclusão do exercício, reflectimos sobre o mesmo e concluímos que através das projecções ortogonais que tinham desenhado todos podiam construir uma cadeira «igual» à que tinham tido como modelo.

A décima terceira aula, última aula na Escola EBI André Resende, consistiu na repetição e continuação dos conteúdos abordados na aula anterior. Assim, mostraram-se aos alunos a utilidade das projecções ortogonais e as suas múltiplas aplicações, numa apresentação em PowerPoint, com exemplos de várias projecções ortogonais, diversificando os exemplos e escolhendo objectos apelativos. No decorrer da apresentação, pretendeu-se que os alunos descobrissem de que objecto se tratava.

Foi-lhes proposto que realizassem, em grupos de três, as projecções ortogonais de objectos, em plástico, de uso quotidiano, que lhes apresentáramos. Cada elemento do grupo deveria desenhar, à escala de 1:1, uma das três projecções. O conjunto das três projecções deveria definir o objecto. Os discentes terminaram o exercício, sendo apoiados sempre que necessário.

No final da aula expusemos os trabalhos, e a autora deste relatório despediu-se de todos os alunos, concluindo esta fase da unidade curricular no dia 2 de Março de 2010.

I. 2. 6. Reflexões

Ao terminar este período da PES, na Escola EBI André de Resende, criou-se uma relação privilegiada entre o núcleo de estágio, o professor e os discentes.

Durante a PES os alunos mostraram-se sempre interessados nos conteúdos programáticos, estabelecendo relações e colocando dúvidas. O objectivo de obter uma turma como um grupo interessado ficou demonstrado inúmeras vezes, com dúvidas colocadas pelos alunos de uma forma pertinente.

A disciplina leccionada, Educação Visual, pertence a uma área entendida por muitos, incluindo alguns docentes de outras áreas, como menos importante nos currículos escolares. A transdisciplinaridade existe na prática educativa, de uma forma incipiente, não existindo estratégias de intervenção inter ou transdisciplinares. Contudo é perceptível um interesse cada

vez maior em relação ao ensino das Artes Visuais, com investimento na investigação, na reflexão e na avaliação dos resultados (Fróis, J. Marques, E. & Gonçalves, R. 2000. p. 2004).

É hoje consensual que a educação estética/Educação Visual convoca a totalidade da pessoa. Inteligência, sensibilidade, afectividade são dimensões intervenientes (Santos, A. 2008. p. 30). Estimuladora de sentidos e do mundo perceptivo, os sistemas educativos teriam interesse em privilegiar as Artes Visuais nos currículos, na medida em que estas facilitariam a inserção sócio-escolar, abertura intelectual e aproveitamento em outras áreas (Santos, A. 2008. p. 31,32).

Deste modo, apesar de por vezes se notarem algumas dificuldades como anteriormente referido, pareceu-nos fácil encorajar os alunos a trabalhar e a compreender as Artes Visuais. Com uma acção educativa intencional, estruturada de acordo com objectivos concretos, o que o núcleo de estágio e o professor realizaram possibilitou uma prática de ensino conseguida. Aos discentes foi permitida uma visão mais abrangente dos objectivos da aprendizagem e a dissipação de dúvidas, derivadas, por vezes, da abstracção inerente a alguns conceitos.

A PES foi, desta forma, encarada como algo encorajador e evolutivo, nunca descurando a focagem na aprendizagem dos alunos.

CAPÍTULO II:

Depois da experiência vivida na escola anterior, preparava-se um novo desafio. A autora deste relatório acreditava que o novo projecto poderia conduzir a uma valorização como professora, trabalhando práticas diferentes das anteriores, até aí por experimentar.

II. 1. Escola Secundária Gabriel Pereira

II. 1. 1. Instalações Escolares



Escola Secundária Gabriel Pereira

A Escola, fundada em 17 de Setembro de 1914 sob o nome de Escola de Desenho Industrial da Casa Pia de Évora, funcionou no antigo edifício da Casa Pia, Colégio do Espírito Santo, que pertence actualmente à Universidade de Évora.

Em 1919, ainda no mesmo edifício, tomou o nome de Gabriel Pereira, em honra ao ilustre eborense Gabriel Victor do Monte Pereira (1847–1915).

Por diversas vezes, o nome e instalações foram alterados. No ano lectivo de 1970-1971 instala-se num novo edifício, construído para o efeito pela Direcção-Geral das Construções Escolares, sito na Rua do Dr. Domingos Rosado, onde hoje se localiza.

A Escola tem uma longa tradição na formação e na qualificação técnica. Após a Revolução do 25 de Abril de 1974 e a consequente reforma do ensino em 1976, continuou esta tradição, mantendo cursos das Áreas Técnicas.

A Escola integrou em 2008 a 1.^a fase do Programa de Modernização das Escolas Secundárias, adaptando e criando novos espaços físicos. As obras terminaram no ano lectivo

2009-2010, permitindo a PES e à autora deste relatório usufruir de um novo espaço de referência devido às suas excelentes instalações.

	Docentes	Não Docentes
Escola Secundária Gabriel Pereira	129	23 Auxiliares de educação 6 Bar 4 Refeitório 11 Administrativos 1 Psicólogo
Total	129 Docentes	45 Não Docentes

Escola Secundária Gabriel Pereira	N.º Alunos	N.º Alunos com NEE
Ensino Diurno	921	12
Ensino Nocturno	231	0
Total	1152 Alunos	12 Alunos



Sala de aula

Constatou-se que as salas de aulas onde iria exercer possuíam boas condições para o exercício da prática lectiva. A sala estava equipada com computador, Data-show e lavatório. Em anexo, um armazém, embora insuficiente para guardar os trabalhos dos alunos.

II. 1. 2. A caracterização da Turma 12.º H

O 12.º ano turma H foi uma turma constituída por 21 alunos, 11 raparigas e 10 rapazes, na sua maioria de idades compreendidas entre 17 e 18 anos. Este grupo demonstrava um enorme interesse e participação na disciplina de Desenho A. Evidenciou, também, grande cumplicidade e companheirismo entre colegas e com o professor, pois conheciam-se na sua maioria desde o 10.º ano. O núcleo de estágio, constituído por Cristina Malta e Ana Sofia Henriques realizou a Prática de Ensino Supervisionada nesta turma H do 12.º ano.

II. 2. Preparação científica, pedagógica e didáctica

II. 2. 1. A Disciplina de Desenho A – 12.ºano

A disciplina de Desenho A é trianual e dá continuidade à disciplina do 10º e 11ºanos. Constitui a última etapa de aquisição de conhecimentos para a conclusão do ensino secundário.

No 12.º ano, a disciplina de Desenho A é leccionada em quatro aulas semanais. Duas aulas, com a turma completa, têm 2 tempos (90 minutos). Nas outras duas aulas, de três tempos (135 minutos), a turma é dividida em dois grupos. Cada aluno tem, assim, sete tempos semanais.

II. 2. 2. Orientações curriculares

A prática pedagógica teve sempre em consideração os programas de Desenho A para os 10.º, 11.º e 12.º Anos do Curso científico de Artes Visuais, documentos da responsabilidade do Ministério da Educação. Segundo estes programas «A disciplina de Desenho A responde, no leque curricular dos 10.º, 11.º e 12.º anos, a objectivos globais de aquisição de uma

eficácia pelo desenho a um nível pré-profissional e intermédio. Dominar, perceber e comunicar, de modo eficiente, através dos meios expressivos do desenho, serão as finalidades globais deste programa» (Ramos, 2001, p. 3).

As unidades de trabalho escolhidas estavam enquadradas no programa da disciplina de Desenho A, contemplando a maioria das finalidades de aprendizagem indicadas pelo Ministério da Educação.

Relativamente aos objectivos, referidos no programa da disciplina, foi dado principal relevo a: «Usar o desenho e os meios de representação como instrumentos de conhecimento e interrogação»; «Desenvolver modos próprios de expressão e comunicação visual utilizando com eficácia os diversos recursos do desenho»; «Explorar suportes, matérias, instrumentos e processos, adquirindo gosto pela experimentação e manipulação, com abertura a novos desafios» e «Desenvolver capacidades de avaliação crítica e sua comunicação aplicando-as às diferentes fases do trabalho realizado, tanto por si como por os outros» (Ramos, 2001, p. 6-7).

Foi nosso objectivo combinar e diversificar diferentes estratégias de aprendizagem. Assim, de acordo com o programa da disciplina de Desenho A, relativamente aos procedimentos didácticos a seguir pelo professor, incentivaram-se os alunos à prática do desenho; tentou-se ser rigoroso quanto ao trabalho e empenhamento, procurando manter um clima positivo; confrontaram-se os alunos com imagens comentadas provenientes de áreas diferentes; fomentou-se a pesquisa nas redes de informação e comunicação alertando para a credibilidade dos conteúdos, salvaguardando os direitos de autor e utilizando correctamente os procedimentos de citação; visou-se, sempre, expor os trabalhos na aula proporcionando situações de debate; promoveram-se actividades de verbalização expressiva; criaram-se rotinas de registos diários gráficos e escritos; incentivaram-se as reutilizações de materiais; difundiu-se uma cultura de grande abertura e respeito pelos outros, de participação de todos, de reflexão crítica e de avaliação, que responsabilizasse o indivíduo e favorecesse uma mudança social (Ramos, 2001, p. 9-10).

II. 2. 3. Planificações

As planificações anuais da turma 12.º H foram realizadas no início do ano lectivo pelo professor orientador cooperante, professor Carlos Guerra, baseadas nos conteúdos programáticos seleccionados no Departamento. Ao iniciar a PES, foram facultadas às formandas.

O núcleo de estágio e o professor cooperante reuniam-se semanalmente, reflectindo e criticando as aulas anteriormente realizadas, o que constituía um trabalho consciencioso por parte do professor Carlos Guerra.

Do mesmo modo, a preparação das aulas foi excelentemente cuidada, tendo sempre como preocupação a reflexão profunda sobre os alunos e as suas aprendizagens. Ponderando sobre as eventuais dúvidas que os discentes poderiam ter relativamente a novos conceitos e na realização das actividades propostas, pensou-se em alternativas para a solução de situações «delicadas».

A planificação das aulas obedecia, habitualmente, a um mesmo esquema: reunião com o orientador; contextualização no programa; consulta de bibliografia adequada; reunião com orientador para esclarecimento de dúvidas científicas e apoio didáctico; definição dos objectivos de aprendizagem e dos recursos necessários e, entre estes, selecção das metodologias a adoptar em diferentes fases da aula, exposição oral, PowerPoint, actividades práticas, esquemas no quadro, debates e, quando necessário, fichas de trabalho ou fichas de informação.

As planificações para as duas aulas assistidas pelo professor orientador científico foram elaboradas pela autora do relatório, com orientação do professor orientador cooperante. A disponibilidade e o apoio pedagógico do professor Carlos Guerra revelaram-se bastante eficazes para a formação, da autora do relatório, apontando-lhe os aspectos positivos e os menos conseguidos, sempre de forma clara, positiva e cortês.

II. 2. 4. Conteúdos pedagógicos seleccionados

No início da PES na Escola Secundária Gabriel Pereira, o núcleo de estágio reuniu-se com o professor orientador a fim de ser informado sobre os conteúdos programáticos a leccionar por cada um dos membros do grupo (até ao final do ano), uma vez que estes tinham sido previamente seleccionados.

Uma retrospectiva dos conteúdos anteriormente leccionados, mostrando exemplos de trabalhos realizados pelos alunos, foi-nos facultada. Dos conteúdos apresentados, a autora deste relatório seleccionou *A Técnica da Grafite*.

A colega do núcleo de estágio seleccionou os conteúdos *A Técnica de Pastel de Óleo* e *A Técnica da Sanguínea*.

A distribuição das unidades de Prática de Ensino Supervisionada foi planificada de forma que cada estagiária leccionasse, pelo menos, duas aulas assistidas pelo professor orientador científico.

As duas aulas assistidas da autora deste relatório, tiveram como conteúdo principal *A técnica da grafite*, com a finalidade de rever e aprofundar o conteúdo. Pareceu-nos pedagogicamente correcto que, para além da técnica a trabalhar – a grafite, de uma forma tecnicista, conduzisse, também, os alunos a reflectirem num determinado tema, sob diferentes perspectivas.

Assim, apoiaram-se as aulas na animação «Balance», de 1989, dirigida e produzida na Alemanha pelos irmãos Wolfgang e Chistoph Lauenstein. Uma curta animação que ganhou, de entre outros prémios, o Óscar de Melhor Curta Animada, no ano em que foi lançada.

Para esta unidade didáctica, procurou-se que os alunos reflectissem, promovendo uma consciencialização da necessidade de se formarem cidadãos que sentissem as situações problemáticas da sociedade como suas e se solidarizassem com os outros, para tentar resolvê-las.

II. 2. 5. Condução de Aulas

A Prática de Ensino Supervisionada na Escola Secundária Gabriel Pereira foi reiniciada no dia 16 de Maio de 2010. Nesta Escola, as duas alunas do núcleo de estágio – Cristina Malta e Ana Sofia Henriques - participaram na mesma turma, turma H do 12.º ano. Pretendeu-se, neste ponto do trabalho, analisar as aulas, incidindo naquelas em que a autora deste relatório teve uma intervenção mais activa e autónoma, as aulas assistidas pelo professor orientador científico, Prof. Doutor Leonardo Charréu.

Às estagiárias competia apenas assistir e observar as aulas do professor orientador cooperante. Contudo, este solicitava frequentemente colaboração das formandas. Assim, apoiámos os alunos na elaboração dos trabalhos práticos que realizavam. Esta estratégia permitiu um rápido e recíproco conhecimento/adaptação do núcleo de estagiárias à turma.

Desta forma, a integração foi progressiva. Por coincidência, correspondeu ao início do nosso estágio, o começo de um conteúdo novo, *Técnica da Aguarela*, o que permitiu observar em permanência as aulas sobre um conteúdo e a metodologia que o professor utilizava.

Nos dias 26 e 28 de Abril de 2010 ocorreram as duas aulas assistidas pelo professor orientador científico, Prof. Doutor Leonardo Charréu, pelo professor orientador cooperante, Carlos Guerra, e pela colega do núcleo de estágio, Cristina Malta.

Aula assistida em 26 de Abril de 2010 (135 minutos)

Sendo a turma H do 12º ano, como referido anteriormente, dividida em dois grupos, esta aula foi ministrada a um dos grupos.

A aula iniciou-se com a introdução do conteúdo que iríamos trabalhar, *A Técnica da Grafite*. A metodologia utilizada foi o discurso oral e a introdução de uma apresentação em PowerPoint, o que foi bem conseguido, pois todo o grupo se mostrou interessado. Deste modo e no seguimento da apresentação, tentou-se estabelecer um fio condutor. Primeiro, começando por dar a conhecer a história da grafite, em seguida, relacionando-se a sua constituição máterica com os conteúdos leccionados na disciplina de Físico-Química e finalmente recordando os diferentes tipos de grafite e de suportes adequados à grafite, além de relembrar outros materiais complementares da grafite necessários à sua utilização.

Posteriormente, lembraram-se diferentes técnicas, como *As Técnicas dos Traços*. Como suporte, visionou-se um PowerPoint de imagens com diferentes exemplos de desenhos em grafite de Pablo Picasso. As imagens foram comentadas oralmente, referindo as técnicas utilizadas. A reacção dos alunos foi, uma vez mais, positiva e participativa, colocando dúvidas pertinentes.

A aula prosseguiu com a realização de ensaios técnicos rápidos, trabalhando-se diferentes técnicas de utilização do traço. Os discentes participaram de forma rápida e eficaz.

Assim, tendo já sido experimentada, nos ensaios, a utilização da técnica, passámos ao visionamento da animação «Balance», anteriormente referida.

Essa animação expunha a situação de cinco indivíduos que coabitavam numa plataforma que flutuava num espaço. Sempre que um deles se movimentava, os outros tinham de se mover e manter o equilíbrio, para a plataforma não se virar. O grupo trabalhava de forma cooperante até que um deles, ao pescar, encontrou uma caixa e elevou-a para a plataforma. É então que o «desequilíbrio» ameaça...

Foi nítido que os alunos gostaram...

«Balance», é metáfora da vivência contemporânea. Procurou-se, de entre outras reflexões, mostrar como é essencial a cooperação entre os indivíduos, a importância do trabalho em equipa, ser-se um grupo.

Após a exibição da animação, prosseguiu-se apresentando novos exercícios práticos, com a finalidade de os discentes exercitarem a realização de registos rápidos e de registar o movimento.



Imagens da animação «Balance»

Os discentes começaram os registos, baseados em imagens (de 5cm x 7,5 cm), fotografias impressas da animação, que trocavam entre eles. Iniciámos com séries de desenhos com a duração de cinco minutos, seguindo-se séries de três minutos, depois, séries de dois minutos e, por fim, séries de registo de um minuto. Os alunos divertiram-se com a situação das imagens que rodavam entre eles e participaram na actividade de forma muito positiva. Contudo verificou-se que nem todos os alunos tiveram capacidade de inicialmente gerir o tempo, mas, no decorrer da execução do exercício, entenderam que à medida que este escasseava a síntese tinha de ser maior.



Trabalhos dos alunos – registos rápidos (conometrados)

Concluimos a aula com a exposição dos trabalhos, seguida de um debate entre todos os discentes sobre a animação. A reacção destes, uma vez mais, foi de grande interesse. Os alunos tiveram a oportunidade de reflectir, de colocar questões e de procurar soluções: as personagens poderiam ter tentado centrar a caixa na plataforma se colaborassem em equipa, dando hipótese de todos dela usufruírem? A «caixa» passou a ser o ponto crucial de todos os desejos, desvalorizando a amizade, o trabalho em equipa, a vida humana, de entre outras coisas? «Quem» consegue ficar com a caixa fica sozinho... e sem poder alcançá-la?

Devido à divisão da turma, a aula foi idêntica, no dia seguinte, para o outro grupo de alunos da turma H do 12ºano. A ela assistiram o professor orientador cooperante e a colega do núcleo de estágio. Os alunos envolveram-se nas actividades de forma participativa e empenhada, interessaram-se pela animação, e o debate proporcionou um momento divertido de reflexão.

Aula assistida em 28 de Abril de 2010 (90 minutos)

Esta aula foi leccionada para a turma H do 12.º ano completa.

O início da aula, com a revisão do trabalho realizado nas aulas anteriores, com recurso a um PowerPoint, foi, como habitualmente, bem aceite pelos alunos, resultando numa participação positiva.

Foi estabelecido um fio condutor entre as aulas anteriores e a presente aula. Esta aula, propunha a continuação do conteúdo trabalhado na aula anterior, *A Técnica da Grafite*, tendo como base de trabalho a animação «Balance», também, visionada na aula anterior.

Recorreu-se a um PowerPoint para mostrar outras técnicas utilizadas com a grafite: as técnicas das tonalidades, da modelação, de entre outras, comentando imagens com exemplos de diferentes autores e diversas técnicas. Sendo uma matéria que já conheciam, a reacção da turma foi uma vez mais entusiasta, com participação generalizada e colocação de dúvidas interessantes.

A aula prosseguiu com a exploração de ensaios técnicos rápidos, tendo tido os discentes uma participação entusiasta.

Posteriormente, apresentaram-se propostas para três exercícios a realizar.

O primeiro exercício consistia em executar um registo realista de um modelo tridimensional (modelo articulado da personagem da animação, de 25cm de altura, que realizara). Os discentes envolveram-se na realização do exercício, considerando o modelo muito engraçado, o que proporcionou um momento de descontração, apesar da tensão que a Prática de Ensino Supervisionada cria numa sala de aula.



Modelo Articulado

O segundo exercício tinha como objectivo efectuar, executar outro registo de um modelo tridimensional (modelos de um copo com água e de três moldes de mãos em gesso, que também realizara). Verificou-se que o tempo de que dispuseram tinha sido insuficiente, sendo, contudo, o resultado da execução satisfatório.



Moledo de três mãos

O terceiro e último exercício consistia em realizar um estudo para uma composição criativa. Uma vez que «Balance» tinha sido muito bem aceite, foi sugerido um registo a partir da animação, sob o tema «O que poderia estar dentro da caixa?».

Os três exercícios tiveram como objectivo contribuir para o desenvolvimento da capacidade de representar a realidade e de a interpretar e recriar.

A metodologia utilizada baseou-se no discurso oral, com recurso à utilização de PowerPoint, aos modelos tridimensionais, à exibição da animação, aos exercícios práticos e ao debate. Todos estes recursos resultaram numa participação positiva por parte da turma.

Concluimos com a exposição dos trabalhos realizados na aula e debate entre os alunos sobre «a caixa/Balance» que todos disputavam. Debateu-se, com participação generalizada e colocação de dúvidas pertinentes, o que poderia ser a caixa e o que poderia conter.

Após a aula assistida, o núcleo de estágio e os professores reuniram-se, como habitualmente, para avaliar a prática pedagógica e analisar aspectos positivos e os menos conseguidos.

Assim, foram consideradas como menos positivas, em relação às duas aulas assistidas da autora deste relatório, algumas falhas na utilização correcta da linguagem oral, bem como

algumas situações relacionadas com as condições de luminosidade, que prejudicaram o visionamento do PowerPoint.

Contudo, estando a iniciar a profissão de docente, com inúmeras dúvidas e com muitas inseguranças, acreditamos no trabalho desenvolvido neste ano lectivo e nas potencialidades que desenvolveremos.

Na reunião semanal seguinte do núcleo de estágio com o professor orientador cooperante, após ponderação e uma vez que os alunos se tinham envolvido com a realização do exercício «sobre o conteúdo da caixa», decidimos prolongá-lo por mais duas aulas, para explorar o seu estudo inicial. Foi também sugerido numa dessas aulas que apresentassem o seu trabalho aos colegas e que sintetizassem as suas ideias numa frase, «A caixa como ...».

Os discentes colaboraram, mais uma vez, de forma activa, embora alguns no início se mostrassem um pouco embaraçados. Surgiram ideias tais como:

A caixa como incógnita, como objecto de magia/fantasia.

A caixa como objecto de curiosidade e frustração.

A caixa como objecto de erotismo.

A caixa como uma conquista vazia.

A caixa como objecto material de poder.

A caixa como objecto de felicidade.

A caixa como espaço de nós mesmos.

A caixa como um despertador de memórias.

A caixa como objecto de relações com os sentimentos.

A caixa como objecto de idolatria.

A caixa como portal para outra dimensão.

A caixa como uma forma de romper os limites do espaço vivencial.

A caixa como passagens de um testemunho intemporal não entendido.

A caixa como elemento que quebra a rotina, mas não da condição humana.

A caixa como caixa.

A caixa como nada.

Estas frases resultaram, posteriormente, em trabalhos plásticos e conceptuais muito interessantes.

II. 2. 6. Reflexões

A PES terminou com o fim do ano lectivo. Assim, a relação estabelecida, uma relação privilegiada com os discentes, núcleo e professor, terminou, o que motivou nostalgia. A autora deste relatório considera que existiu/effectuou um trabalho bem coordenado, tendo sempre como objectivo as aprendizagens dos alunos.

Deste modo, a Prática de Ensino Supervisionada foi, sempre, muito gratificante e encarada de forma evolutiva. Existiram, em todas as actividades propostas, uma participação e receptividade por parte dos alunos, não sendo perceptível, à autora deste relatório, resistência à sua prática pedagógica.

Apesar de, no fim do ano lectivo ser manifesto, por parte de alguns alunos, cansaço e preocupação com os exames nacionais, mantiveram uma participação entusiasmada e cooperante nas actividades.

Sendo formanda e com experiência de leccionar reduzida, foi importante que esta prática permitisse o contacto com alunos de uma faixa etária mais elevada, o que constituiu uma nova aprendizagem.

Deste modo, colocaram-se várias questões, começando pelas mais gerais, como por exemplo o que se entende por compreensão da arte para os vários grupos de idades, quais as potencialidades e os limites e quais as implicações para o desenvolvimento pessoal.

Relativamente à disciplina leccionada, Desenho A, foi também necessário considerar que esta «... não é apenas uma aptidão de expressão ...», mas uma «... atitude perante o mundo ...» (Ramos, 2001, p. 3). Por esta razão, baseámos as aulas na animação «Balance», trabalhando *A Técnica da Grafite*. Os alunos alternaram registos com reflexões sobre o tema, proporcionando debates muito vivos.

A avaliação que os alunos obtiveram no fim do ano lectivo espelha o seu interesse, o seu envolvimento e a sua aplicação nas actividades que desenvolveram. ~~Demonstra~~, também, de um modo generalizado, um resultado bastante satisfatório. «Partiram» com a nossa convicção de que desenvolverão competências de grande utilidade no futuro.

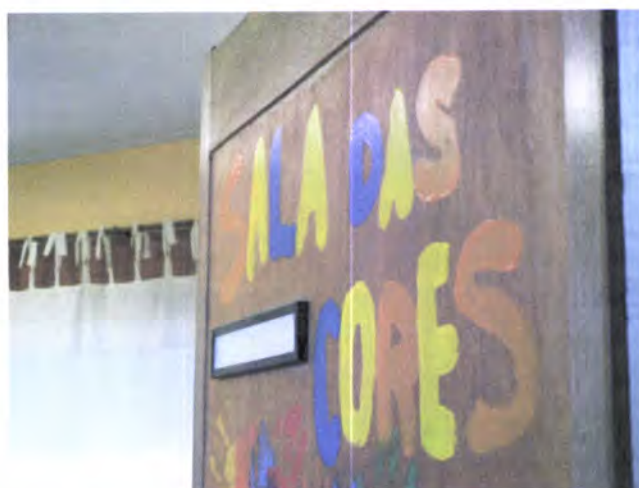
CAPÍTULO III

III. 1. Actividades extracurriculares

III. 1. 1. Sala das Cores

«A educação para as artes e uma pedagogia pela arte, necessita de uma educação pelas artes e de uma educação estética» (Santos. A, 1989)

Este ponto visa descrever sumariamente a participação da autora deste relatório na Sala das Cores, sala com cinco alunos de alunos de NEE, na escola EBI André de Resende, em Évora.



Sala das Cores

O núcleo de estágio ao qual pertencia foi convidado a participar no trabalho da Sala das Cores. Este consistia em desenvolver um projecto educativo junto dos alunos NEE. Realizava-se semanalmente, num período em que os alunos não tinham actividade escolar, nem extracurricular. O professor cooperante da Escola, por indisponibilidade de horário, não podia estar presente. Uma das professoras de NEE acompanhava e orientava as actividades. O

trabalho com este grupo de alunos iniciou-se em 20 de Outubro de 2009 e terminou em 5 de Fevereiro de 2010, tendo continuado a colaborar até 15 de Março para terminar trabalhos.

Como formanda, surgiu desde logo o interesse no projecto a desenvolver, embora com preocupação, devido à pouca experiência com alunos com NEE, levantando-se algumas questões e dúvidas. Tendo leccionado anteriormente alunos com NEE integrados nas turmas de currículos regulares, esses alunos apresentavam problemas ao nível das aprendizagens de leitura, escrita e cálculo, que na área da Educação Visual eram pouco perceptíveis. Recorrendo a algumas estratégias, os alunos conseguiam executar os exercícios propostos.

Neste grupo de alunos constatou-se, que seriam maiores as dificuldades. Apresentavam situações mais problemáticas, tendo de conhecê-los e procurar as melhores estratégias a aplicar a cada um.

A Sala das Cores, local em que se desenvolveria esse projecto, pertencia à Unidade de Apoio Especializado para a Educação de Alunos com Multideficiência e Surdocegueira Congénita, que estava a ser criada na Escola. Esta Unidade, de acordo com o Decreto-Lei n.º 3/2008, Artigo 26.º, n.º 3, tem como objectivo: «promover a participação dos alunos com multideficiência e surdocegueira nas actividades curriculares e de enriquecimento curricular junto dos pares da turma; aplicar metodologia e estratégias de intervenção interdisciplinar visando o desenvolvimento e a integração social e escolar dos alunos; assegurar a criação de ambientes estruturados, securizantes e significativos para os alunos; proceder às adequações curriculares necessárias; adoptar opções educativas flexíveis, de carácter dinâmico, pressupondo uma avaliação constante do processo de ensino e de aprendizagem do aluno e o regular envolvimento e participação da família; assegurar os apoios específicos ao nível das terapias, da psicologia e da orientação e mobilidade aos alunos que deles possam necessitar; organizar o processo de transição para a vida pós-escolar» (Conselho de Ministros, 2008, p.162).

A equipa técnica, nesta unidade, era constituída por duas professoras de Educação Especial, um terapeuta da fala, um fisioterapeuta e duas auxiliares. Em Dezembro, entrou um psicólogo para a Unidade de Apoio à Multideficiência (UAM).

No horário proposto para trabalhar com os alunos da Salas das Cores, estiveram inicialmente presentes três alunos. No segundo período, entraram mais dois alunos. Estes integraram-se bem no grupo, participando na conclusão dos trabalhos de forma bastante

empenhada e emotiva. Apelidamos os alunos de Rita, Luís e Pedro (estes são nome fictícios, de modo a salvaguardar a sua identidade).

No início do ano lectivo tinham sido cedidas, pelas professoras de educação Especial, informações sobre cada aluno, que constavam dos seus processos.

Apesar das informações, as preocupações persistiam. Procurava-se ainda resposta a muitas perguntas. Em que consistia o problema da aluna Rita? Como iria gerir as emoções do aluno Luís? Que estratégia utilizar? Se tinham necessidades diferentes, que actividades iria propor? Como mantê-los motivados? Quais os conteúdos a abordar? Que competências iriam adquirir?

Após alguma pesquisa decidiu-se realizar na primeira aula um exercício que serviria de diagnóstico, que permitisse uma maior consciência das apetências e dos *handicaps* e que indicasse estratégias a seguir. Nessa primeira aula, propuseram-se duas actividades: modelagem com plasticina e desenho. Os alunos interessaram-se e envolveram-se pelas actividades propostas de formas muito diversas.



Primeiros desenhos dos alunos – primeira aula

O aluno Luís demonstrava uma grande aptidão e gosto por este tipo de trabalhos, mas desmotivava-se rapidamente.

O aluno Pedro estava entusiasmado, falava muito, apesar de demonstrar não gostar de manusear a plasticina. Fazia algumas expressões de repugnância ao toque. Foi evidente que teria de encontrar uma plasticina menos pegajosa.

Posteriormente, a fisioterapeuta, ao ter conhecimento do trabalho, aprovou, considerando que era um bom exercício para o aluno trabalhar a motricidade fina.

A aluna Rita demonstrou algum entusiasmo nas tarefas a realizar.

Desde o primeiro contacto foi evidente que, no grupo, era necessário trabalhar a auto-estima destes alunos e mantê-los motivados nas tarefas a realizar, diversificando-as.

A Sala das Cores estava apetrechada com computadores. O computador, como instrumento de trabalho, a todos interessava, em particular ao aluno Luís, que evidenciava interesse em explorar a Internet, especialmente assuntos relacionadas com música.

De acordo com as suas aptidões, pensou-se realizar uma animação, prevendo que todos os alunos gostariam de executar as personagens, tirar fotografias e construir o filme.

O aluno Luís, que sabia trabalhar com o computador, ficaria responsável pela animação num programa simples de Movie Maker. Exemplifiquei com animações, e foi grande o entusiasmo.

O aluno Pedro, muito imaginativo, seria o responsável pelo tema e conteúdo da animação, com a ajuda dos colegas.

A aluna Rita, que executava bem os exercícios manuais, ficaria responsável por construir as personagens.

O tema proposto pela professora de NEE, «Os Direitos das Crianças», deu origem à animação, pois era um dos temas trabalhados.

Como todos os alunos apreciavam pintura, executar-se-ia, em alternância com a animação, a pintura de um conjunto de telas utilizando técnicas mistas de expressões plásticas.

Na verdade, depois das duas primeiras aulas, as preocupações alteraram-se. Por um lado, a autora deste relatório adquiria mais confiança em si. Por outro lado, descobria o imenso e interessante trabalho que pode desenvolver-se com alunos de NEE. As actividades, que se procurara desenvolver com este grupo de alunos, começavam a ganhar forma.

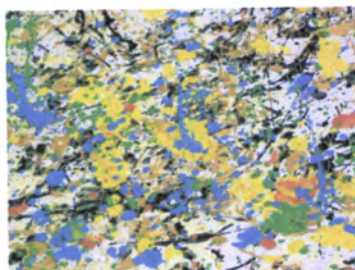
Pesquisou-se um pouco sobre animações, materiais e trabalhos de expressões plásticas, recorreu-se a técnicas que pudessem ser utilizadas na sala, delinearam-se objectivos e competências. Executadas as planificações, seguiram-se as actividades a desenvolver.



Execução de trabalhos na Sala das Cores

Trabalhos executados na Sala das Cores

- Área: Expressão Plástica e Animação
- Técnicas utilizadas: desenho, pintura, colagem, modelação em plasticinas, de entre outras.



Trabalhos dos alunos - Expressão plástica

Objectivo:

Desenvolver e valorizar a produção dos alunos enquanto pessoas criativas;

Promover um crescimento equilibrado e integral dos alunos;

Estimular o desenvolvimento da sensibilidade, da percepção e da imaginação através dos recursos que a arte oferece;

Procurar explorar no seu trabalho a sua criatividade, procurando introduzir novos conceitos e novos materiais;

Fomentar a autoestima dos alunos e a autonomia nos trabalhos a executar.

No mês de Novembro, foi proposto pela professora responsável pela Sala das Cores que se realizassem em aulas suplementares com estes alunos um trabalho relativo ao Natal.

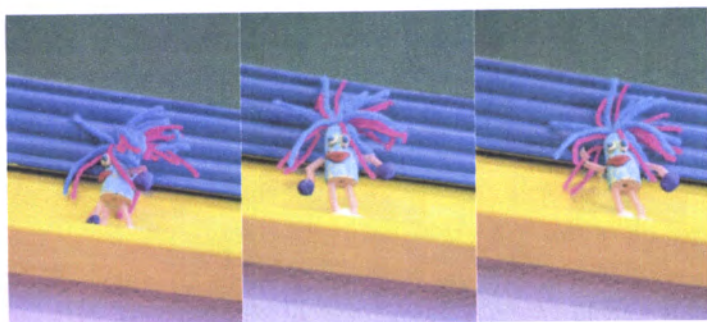
Optámos, em votação com os alunos, por executar um presépio. Os alunos colaboraram com muito ânimo nas tarefas a realizar. Ficaram entusiasmados com o resultado final e orgulhosos do seu trabalho, chamando os outros professores para irem à sala ver o presépio.



Trabalho dos alunos - «Presépio»



Trabalho dos alunos – Tema «O Inverno»



Trabalhos realizados para a execução da animação

Reflexões:

O trabalho realizado com estes alunos não teve como objectivo produzir «obras de arte» ou fomentar qualquer tipo de competição, o que seria nefasto ao seu desenvolvimento. Jovens com estas características são, provavelmente, mais espontâneos do que outros que sofrem cedo uma repressão por parte dos adultos, que se autocriticam e que também, pela sua própria vontade de imitar os adultos são impedidos de se manifestarem plasticamente. Os trabalhos foram executados livremente, embora com apoio e supervisão, mas os alunos foram os verdadeiros autores das suas obras.

A utilização das matérias plásticas como a plasticina e o barro e a utilização das tintas coloridas foram uma experiência de manipulação de materiais (por vezes um pouco anárquica!).

Todas as actividades foram escolhas intencionais.

Segundo o professor João dos Santos «... a prática da modelação permite criar com a matéria objectos de valor simbólico, pesquisar formas, dar-lhes cor e transmitir-lhes movimento» (Branco, M. 2000, p.157). A modelação requer concentração, e, consequentemente, o aluno tem tempo para imaginar e descobrir. Ainda, segundo João dos Santos, a modelação permite adquirir mais cedo a noção de forma no desenho. O desenho e a pintura despertam muito interesse. Os alunos sentem que estão a participar, a criar, a ganhar consciência de si e da sua obra (Branco, M. 2000, p.157).

Em relação à animação, a autora deste relatório teve como primeiro objectivo a utilização das novas tecnologias, consideradas elementos estimuladores de criatividade e aprendizagem e que constituem uma alteração profunda no modo como se aprende e nas interacções entre alunos e professor (Carvalho, A. et. al., 2001).

Como segundo objectivo, procurou-se a implementação do trabalho colectivo. Este é um meio de integrar as aprendizagens nas atitudes, nas ideias expressas pelo grupo, aceitando, criticando e sugerindo. O trabalho colectivo requer constante discussão sobre o tema e a forma de o trabalhar. A participação do docente consiste em valorizar, esclarecer e estimular as «experiências» dos alunos através de relações pessoais. É, portanto, a tentativa de interessar o aluno, a tentativa de que ele se interesse pelo mundo exterior a «si» (Branco, M. 2000, p.156).

Ao educador caberá explorar e realçar a contingência dos estímulos do meio às reacções do próprio sujeito. Assim, um momento de actividade expressiva transformar-se-á numa situação de encontro do sujeito consigo próprio. O sujeito descobrir-se-á como «eu», como alguém distinto e para si mesmo valioso (Branco, M. 2000, p.156).

III. 1. 2. Colaboração na organização da exposição de trabalhos de alunos com NEE, na Direcção Regional de Educação do Alentejo

A realização de uma exposição foi outro instrumento usado pelo núcleo de estágio durante a Prática de Ensino Supervisionada. Esta exposição decorreu na Direcção Regional de Educação do Alentejo (DREAlentejo), de 17 a 25 de Março de 2010, no âmbito do seminário «Caminhos a percorrer... no sentir de uma escola».

O seminário foi organizado pelos colegas do outro núcleo de estágio, que se encontravam a realizar a Prática de Ensino Supervisionada, na escola EBI André de Resende. Era seu objectivo alertar e mobilizar a população para o conceito de Necessidades Educativas Especiais e para a construção de uma escola inclusiva. Estando a trabalhar com o grupo da Sala das Cores, a proposta de uma participação no projecto estava de acordo com os nossos objectivos de trabalho.

A exposição, para além da componente expositiva, alargou-se à componente interactiva, na medida em que se convidaram outros agrupamentos do concelho de Évora. Apresentar os trabalhos realizados na Sala das Cores à comunidade, foi utilizado como estratégia, motivando os alunos e elevando-lhes a autoestima. A exposição dos trabalhos foi, simultaneamente, uma combinação das vertentes lúdica e pedagógica.

A preparação desta exposição começou pela visita à Direcção Regional de Educação do Alentejo, com o intuito de pedir autorização para a sua realização. Ambas as partes, concordaram que o átrio do edifício seria o local apropriado. Depois de verificadas as condições do espaço e as possibilidades de exibição dos trabalhos, pediu-se autorização ao

Agrupamento n.º 2 e contactaram-se pessoalmente os outros três Agrupamentos de Escolas, convidando-os a participar.



Cartaz da exposição

A autora deste relatório efectuou um cartaz de divulgação da exposição, utilizando uma fotografia da animação realizada pelo grupo da Sala das Cores. Em seguida, o cartaz foi afixado nos Colégios da Universidade de Évora, na DREALentejo, nas Sedes de Agrupamentos de Escolas de Évora e em vários locais no centro de Évora. No dia da inauguração, em conjunto com o outro núcleo de estagiários, recolhemos os trabalhos nos Agrupamentos e procedemos à sua montagem. Esta prolongou-se pela tarde, mas a tempo da abertura. A inauguração deu-se com a entrada dos seus verdadeiros autores, os alunos, que ficaram bastantes entusiasmados.

Esta actividade revelou-se muito gratificante, ao nível pessoal e profissional, na medida em que possibilitou uma aproximação entre os núcleos de estágio e os docentes e discentes de outras escolas, bem como o conhecimento de outras realidades.

CAPÍTULO IV:

Considerações Finais

Ao analisar a PES, a autora deste relatório concluiu que este foi um ano de grande empenho e investimento pessoal uma grande tentativa de absorver os conteúdos científicos transmitidos e de aproveitar as experiências vividas, ultrapassar as dúvidas e as dificuldades para atingir as conquistas de ensino-aprendizagem.

De realçar que, sempre que possível, se implementou uma metodologia reflexiva de observação-experimentação. Quatro eixos foram sempre seguidos: programar, construir, desenvolver, avaliar. De uma forma geral, foram executados com êxito. Contudo, e devido às características actuais da PES, o formando apenas dinamiza algumas aulas. A maioria são leccionadas pelo professor cooperante ou pelo colega de núcleo, limitando-se o formando ao tempo para avaliar a progressão das aprendizagens.

A autora deste relatório, durante a prática pedagógica, pôde verificar que os professores têm capacidades de se formarem apropriando-se de diferentes tipos de oportunidades formativas. Como exemplo, os professores podem ser formados na acção através da interacção com os outros professores e os alunos. Diríamos, e essa é a situação talvez mais interessante, que as práticas dos professores podem ser influenciadas pelos alunos e transformar-se num apoio para o desenvolvimento de inovações. Por outro lado, projectos em comum podem conduzir a uma valorização da capacidade de cada professor produzir novas práticas, diferentes das anteriores.

Para terminar estas considerações, a autora deste relatório propõe-se reflectir sobre que tipo de formanda/professora será, num futuro próximo. De que forma concretizará as aprendizagens? No que se refere ao conhecimento de si própria, ao trabalho de análise e aprofundamento, ele será baseado em situações dentro e fora da escola e ... ambiciona, como muitos professores, viver positivamente a profissão e a escola, como um lugar de aprendizagem.

BIBLIOGRAFIA

Branco, M. (2000). *Vida, pensamentos e obra de João dos Santos*. Lisboa: Livros Horizonte.

Carvalho, A. et. al. (2001). *Novo Conhecimento. Nova Aprendizagem, Textos da Conferência Internacional Novo Conhecimento Nova Aprendizagem*. Lisboa: Edição Fundação de Calouste Gulbenkian.

Canário, R. (2005). *O que é a Escola? - Um “olhar” sociológico*. Porto: Porto Editora.

Conselho de Ministros. (2008). Decreto -Lei n.º3/2008.

[<http://dre.pt/pdf1sdip/2008/01/00400/0015400164.pdf> (consulta de 01- 06-2010)]

Conselho Nacional de Educação. (2001). *Inovação em Educação: “Boa Esperança” – Um programa de apoio à inovação educacional. Actas do seminário, Lisboa, 18 Janeiro. 2001*. Lisboa: CNE.

Fórois, J. Marques, E. Gonçalves, R. (2000). Educação Estética na Formação ao Longo da Vida In Fórois, J. (Coor.) *Espaços Estética e Artística – Abordagens Transdisciplinares, Textos da Conferência Internacional Educação Estética e Artística*. (pp.201-241). Lisboa: Edição Fundação de Calouste Gulbenkian.

Leal, M.R. (2000). Educação pela Arte: porquê e para quê? In Cabral, A.C. (Org.) *Educação pela Arte Estudos em Homenagem ao Dr. Arquimedes da Silva Santos*. (pp.180-186). Lisboa: Livros Horizonte.

Leite, T. (2000) Expressão Verbal, Actividade Artística e a Relação Terapêutica. In Cabral, A.C. (Org.) *Educação pela Arte Estudos em Homenagem ao Dr. Arquimedes da Silva Santos*. (pp.187- 190). Lisboa: Livros Horizonte.

Malik, L. (2003). *Será a Escola Facilitadora de Aprendizagens? - O empenhamento na aprendizagem no Ensino Secundário*. Lisboa: Edição Fundação de Calouste Gulbenkian & Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Miguéns, M. (Dir.) (2004). *As bases da educação: Actas do seminário: lei de bases da educação Lisboa, 16-30 Outubro. 2003*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.

Ministério da Educação. (s/d) *Ajustamento do Programa de Educação Visual.*

[<http://sitio.dgidec.min->

[edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/66/ajustamneto_educ_visual.pdf](http://sitio.dgidec.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/66/ajustamneto_educ_visual.pdf)

(consulta de 01- 06-2010)]

Ministério da Educação. (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais.*[<http://sitio.dgidec.min->

[edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/84/Curriculo_Nacional.pdf](http://sitio.dgidec.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/84/Curriculo_Nacional.pdf)

(consulta de 01- 06-2010)]

Nóvoa, A. (2002). *Formação de professores e Trabalho Pedagógico.* Lisboa: Educa.

Perrenoud, P. (2004). *Aprender a Negociar a Mudança na Educação. Novas estratégias de inovação.* Porto: Asa Editores.

Ramos, A. (Coord.) (2001). *Programa da Disciplina de Desenho A, 10º Ano, Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais.*

[<http://www.dgidec.min->

[edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/200/desenho_A_10.pdf](http://www.dgidec.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/200/desenho_A_10.pdf) (consulta

de 01- 06-2010)]

Ramos, A. (Coord.). (2002). *Programa da Disciplina de Desenho A, 11º e 12º Anos, Curso científico-Humanístico de Artes Visuais.*

[<http://sitio.dgidec.min->

[edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/201/desenho_A_11_12.pdf](http://sitio.dgidec.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/201/desenho_A_11_12.pdf)

(consulta de 01- 06-2010)]

Read, H. (1969). *O Significado da Arte*. (Pedro, N.A, trad.). Lisboa: Editora Ulisseia Lda.

Santos, A.(1989). *Mediações Artístico – Pedagógicas*. Lisboa: Livros Horizonte.

Santos, A.(2008). *Mediações Arteducacionais*. Lisboa: Edição de Fundação Calouste Gulbenkian.

Universidade Évora. (2010). Regulamento da Prática de Ensino Supervisionada. [http://www.sac.uevora.pt/sac/normas_legislacao/escolha_o_assunto/pratica_de_ensino_supervisionada (consulta de 01- 06-2010)]

Lista de Anexos

A. Planificações:

1. Planificação Aula 12/1/2010
2. Planificação Aula 26/1/2010
3. Planificação Aula 26/4/2010
4. Planificação Aulas 28/4/2010
5. Planificação da Sala das Cores

B. Fichas:

1. Ficha Informativa - Exemplos de Cadeiras
2. Ficha Informativa - Peças da Cadeira Red and Blue - Dimensões das peças - escala 1:5
3. Ficha Informativa - Esquema de Construção da Cadeira Red and Blue
4. Ficha Trabalho - Projecções Ortogonais - Aula 26/1/2010
5. Ficha Informativa - Projecções Ortogonais – Sólidos Geométricos
6. Ficha Informativa - Projecções Ortogonais - Cadeira Red and Blue

C. Imagens:

1. Modelos - Cadeira Red and Blue - escala 1:1
2. Modelos - Cadeira Red and Blue - escalas 1:3,1:5,1:10
3. Trabalhos dos Alunos - 8.º E – Projecto de Cadeira- 5/1/2010
4. Trabalhos dos Alunos – 8.º E - Cadeira Red and Blue – Aula 12/1/2010
5. Modelos - Projecções Ortogonais - Sólidos Geométricos
6. Modelos - Sólidos Geométricos - Cadeira Colorida
7. Projecções Ortogonais - Modelo Cadeira Colorida
8. Modelos - Cadeiras Coloridas - escalas 1:1 e 1:2
9. Trabalhos dos Alunos – 12.º H - Imagens da animação «Balance» Aula 26/4/2010
10. Modelos Tridimensionais Articulados
11. Trabalho dos Alunos – 12.º H - Modelos Tridimensionais Articulados - Aula 28/4/2010
12. Modelos Mãos em Gesso
13. Trabalhos dos Alunos – 12.º H – Modelos Mãos em Gesso – Aula 28/4/2010
14. Trabalhos dos Alunos – 12.º H – A Caixa – Aulas de 28/4 a 4/5/2010

15. Trabalhos dos Alunos – Sala das Cores – Modelação em Plasticina
16. Trabalhos dos Alunos – Sala das Cores – «O Inverno»
17. Propostas para trabalho de Natal - Sala das Cores
18. Trabalhos dos Alunos – Sala das Cores – «O Presépio»
19. Trabalhos dos Alunos – Sala das Cores – Pinturas em Telas
20. Trabalho dos Alunos – Sala das Cores – Animação «Os Direitos da Crianças»
21. Cartaz da Exposição – «Caminhos a Percorrer... No Sentir de Uma Escola»
22. Exposição – «Caminhos a Percorrer... No Sentir de Uma Escola»

Anexos

A. Planificações:

Escola EBI André de Resende 8ºano Turma E
Planificação a curto prazo - Aulas de 12 e 19 de Janeiro 2010

Design - Construção Modelo Tridimensional

Competências Gerais	Competências Específicas	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Tempo	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver trabalho autónomo. - Desenvolver a motricidade fina. - Desenvolver o pensamento crítico, criativo e a sensibilidade. - Desenvolver a capacidade de comunicar através de modelos tridimensionais. - Desenvolver trabalho em grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer o contexto Histórico e Estético do objecto -cadeira Red and Blue. - Compreender as vantagens económicas do fabrico em série de elementos e de módulos. - Relacionar a forma dos objectos com as medidas e os movimentos do homem. - Fundamentar a escolha de uma entre várias formas que satisfaçam todos os factores considerados. - Utilizar modelos tridimensionais na representação técnica de objectos. - Conhecer e aplicar diferentes escalas. - Alertar para os direitos de autor. 	<ul style="list-style-type: none"> - Design - Construção do modelo Tridimensional. - Escalas - Direitos de Autor 	<ul style="list-style-type: none"> - Relembrar os conteúdos e trabalhos executados na última aula. - Apresentação em PowerPoint da cadeira Red and Blue. - Mostrar o modelo a várias escalas. - Construção de maquete à escala 1/5. Trabalho a executar a pares - Os alunos que acabarem a maquete, continuam a realizar a que começaram na aula anterior. - Resumo do que aprenderam na aula. 	<ul style="list-style-type: none"> - Computador - Modelos a várias escalas - Balsa - Cola - X-acto - Régua - Alfinetes - Lixa 	- 90min.	<ul style="list-style-type: none"> - Formativa, com carácter contínuo, incidindo sobre conhecimentos adquiridos e sua aplicação na execução dos produtos. - Por observação directa da metodologia de trabalho e das atitudes.

1. Planificação Aula 12/1/2010

Escola E.B.I. André de Resende
Évora 2009/2010
Aluna: Ana Sofia de Almeida Henriques

8ºano Turma - E
Planificação de Aula - 26 de Janeiro de 2010

Projectões Ortogonais

Competências Gerais	Competências Específicas	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Tempo	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver trabalho autónomo. - Desenvolver a capacidade de comunicar, através das Projectões ortogonais. - Desenvolver o pensamento crítico, criativo e a sensibilidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer o Sistema de Representação Europeu - Aprender o que são as Projectões Ortogonais. Saber para que servem. - Compreender e saber executar as projectões ortogonais de objecto. - Conhecer e aplicar diferentes escalas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Projectões Ortogonais - Desenho Rigoroso - algumas noções - Escalas 	<ul style="list-style-type: none"> - Relembrar os conteúdos e trabalhos executado na anterior aula. - Visionar em PowerPoint projectões ortogonais - Apresentar alguns sólidos geométricos e demonstrar as suas projectões ortogonais . - Exibir um modelo de uma cadeira e demonstrar as suas projectões ortogonais. - Ficha de Trabalho, desenhar as projecções do modelo de cadeira apresentada. - Resumo do que aprenderam na aula. 	<ul style="list-style-type: none"> - Computador - Alguns sólidos geométricos - Modelos de duas cadeira - Dois modelos de Triédros 	- 90min.	<ul style="list-style-type: none"> - Formativa, com carácter contínuo, incidindo sobre conhecimentos adquiridos e sua aplicação na execução dos produtos. - Por observação directa da metodologia de trabalho e das atitudes.

2. Planificação Aula 26/1/2010

OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	RECURSOS	TEMPO	AValiação
Conhecer a história da grafite	História breve da grafite	Estratégia de motivação: projecção de imagens	Pequeno PowerPoint	26 e 27 / Abril: 45 Minutos	- Formativa, com carácter contínuo, incidindo sobre conhecimentos adquiridos e sua aplicação na execução dos desenhos. - Por observação directa da metodologia de trabalho e das atitudes.
Conhecer a constituição matéria da grafite	A constituição física da grafite	Projecção de imagens	Pequeno PowerPoint		
Relembrar os diferentes tipos de grafite	Os diferentes tipos de grafite	Mostrar à turma diferentes tipos de grafite ao vivo, complementado com projecção de imagens.	Os diferentes tipos de grafite Pequeno PowerPoint		
Relembrar os diferentes tipos de suportes adequados à grafite	Os diferentes tipos de suportes adequados à grafite	Mostrar diferentes tipos de suportes adequados à grafite Projecção de imagens	Pequeno PowerPoint Exemplos de diferentes suportes		
Relembrar alguns e conhecer outros materiais complementares da grafite	Os materiais complementares da grafite: esfuminho, borracha	Mostrar materiais complementares da grafite Projecção de imagens	Materiais complementares da grafite: esfuminho e borrachas		

Relembrar as diferentes técnicas tendo como base diferentes exemplos	As diferentes técnicas da grafite: Técnicas dos traços	Imagens comentadas de obras gráficas seleccionadas do artista Pablo Picasso	Pequeno PowerPoint com da técnicas a abordar na aula	10 minutos	
Experimentar diferentes técnicas de utilização do traço	As diferentes técnicas da grafite: Técnicas dos traços	Ensaio técnicos rápidos	Papel, diferentes tipos de grafites	10 minutos	
Dar a conhecer o trabalho a realizar	Animação/ desenho	Apresentação do trabalho criativo: animação	Animação "Balance" de Lauenstein	15 minutos	
Exercitar a realização de registos rápidos, registar o movimento	Registos rápidos	Realizar registos rápidos de 1 minuto	Papel, diferentes tipos de grafites	30 minutos	
Reflectir sobre a animação e sobre o trabalho	Abordagem geral dos conteúdos Conteúdos abertos	Debate sobre os conteúdos e trabalho realizado		15 minutos	

Ana Sofia de Almeida Henriques N°5351

OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	RECURSOS	TEMPO	AVALIAÇÃO
Relembrar os conteúdos leccionados na aula anterior	Visão geral dos conteúdos	Resumo da aula anterior	Pequeno PowerPoint	5 minutos	- Formativa, com carácter contínuo, incidindo sobre conhecimentos adquiridos e sua aplicação na execução dos desenhos. - Por observação directa da metodologia de trabalho e das atitudes.
Relembrar as diferentes técnicas tendo como base diferentes exemplos	As diferentes técnicas da grafite: Técnicas das tonalidades Técnicas da modelação	Imagens comentadas	Pequeno PowerPoint	10 minutos	
Experimentar diferentes técnicas de tonalidade e de modelação	As diferentes técnicas da grafite: Técnicas das tonalidades Técnicas da modelação	Ensaio técnico rápidos	Papel, diferentes tipos de grafites, esfuminho e borrachas	10 minutos	
		Apresentação do trabalho criativo: registos	Modelos tridimensionais Papel, diferentes tipos de grafites, esfuminho e borrachas	5 minutos	

Contribuir para o desenvolvimento da capacidade de representar a realidade	Registos realistas (dois exercícios)	Realizar dois registos realistas	Modelos tridimensionais Papel, diferentes tipos de grafites, esfuminho e borrachas	30 minutos (15 cada exercício)	
Contribuir para o desenvolvimento da capacidade de interpretar e recriar a realidade	Composição criativa	Realizar uma composição criativa	Papel, diferentes tipos de grafites, esfuminho e borrachas	20 minutos	
Reflectir sobre o trabalho o trabalho realizado	Abordagem geral dos conteúdos Conteúdos abertos	Debate/ reflexão		10 minutos	

Ana Sofia de Almeida Henriques Nº5351



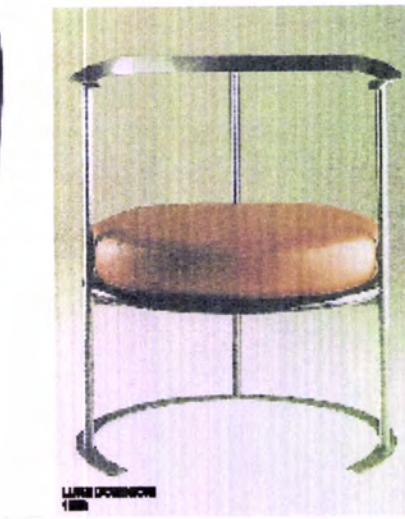
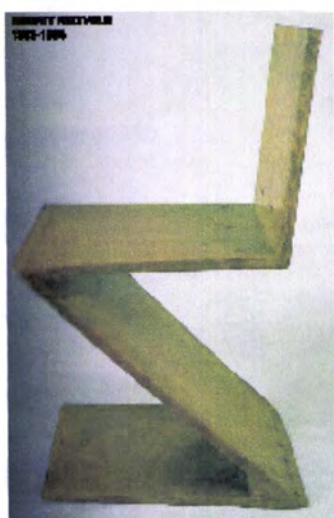
Escola E.B. 2,3 André de Resende

Planificação semestral – entre 20 de Outubro de 2009 a 2 de Fevereiro de 2010 – Necessidades Educativas Especiais

Actividades	Competências	Recursos	Calendarização	Avaliação
Elaboração de trabalhos com plasticina.	Desenvolver e valorizar a produção dos alunos enquanto pessoas criativas.	Telas;	3 Aulas de 90 minutos.	Avaliação contínua.
Execução de pinturas em telas com utilização de técnicas mistas.	Promover um crescimento equilibrado e integral dos alunos.	Pincéis;	6 Aulas de 90 minutos.	Observação directa em sala de aula das actividades.
Projecto de natal: elaboração de presépio tridimensional, construído em papel.	Estimular o desenvolvimento da sensibilidade, da percepção e da imaginação através dos recursos que a arte oferece.	Tintas acrílicas;	2 Aulas de 90 minutos	
Realização de uma animação sobre o tema “Os Direitos das Crianças”.	Procurar explorar no seu trabalho a sua criatividade, procurando introduzir novos conceitos e novos materiais.	Variados tipos de papel;	3 Aulas de 90 minutos	
		Plasticina;		
		Tesoura;		
		Fotografias;		
		Cola;		
		Lápis de cor;		
		Lápis;		
		Borracha;		
		Marcadores;		
		Computador (para montagem).		
		Lãs;		
		Folhas de árvore;		
		Arame;		
		Outros.		

5. Planificação da Sala das Cores

B. Fichas:



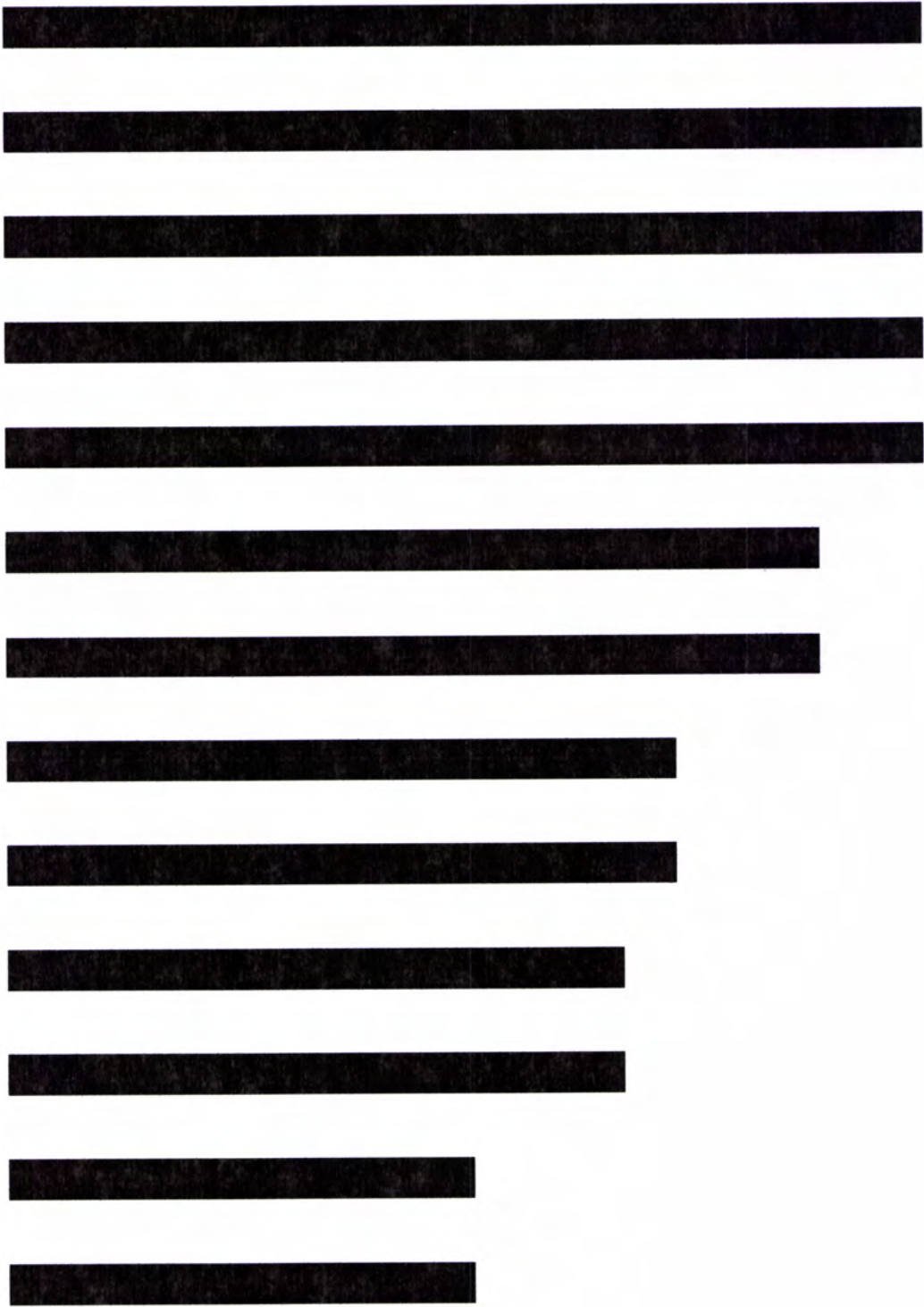
1. Ficha Informativa - Exemplos de Cadeiras

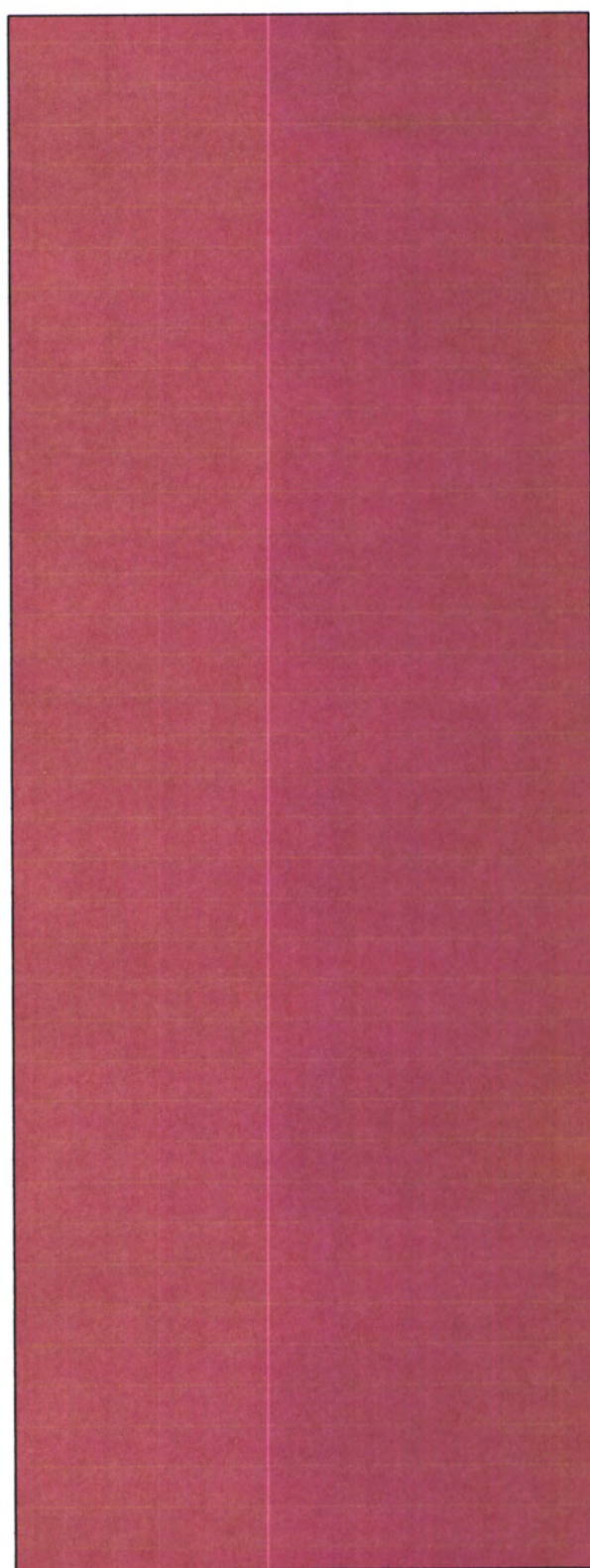
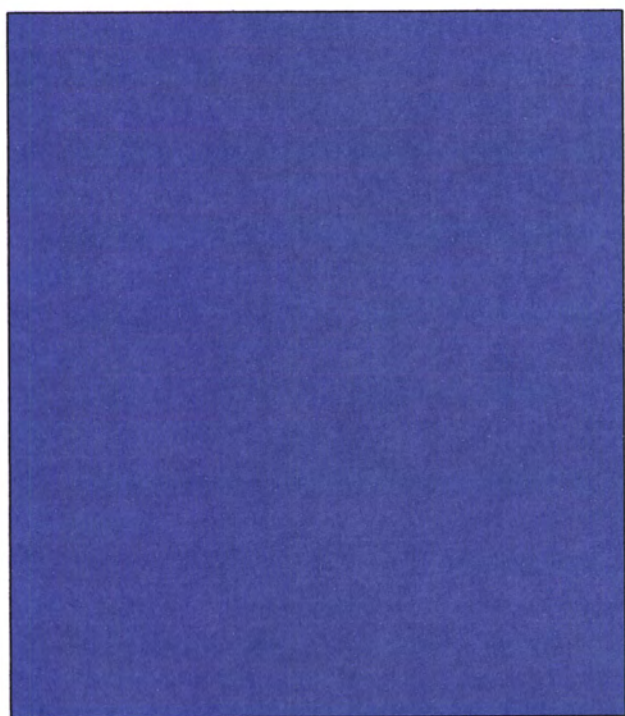
2. Ficha Informativa - Peças da Cadeira Red and Blue - Dimensões das Peças - escala 1/5

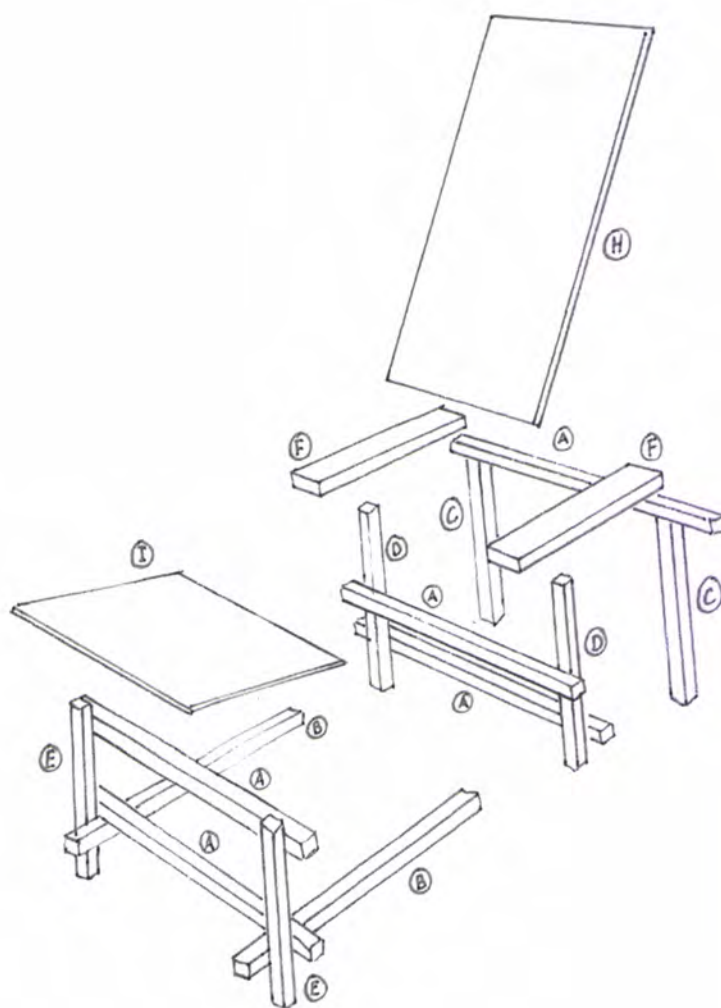
Cadeira Red and Blue

de Gerrit Rietveld

Planificação das Peças







3. Ficha Informativa - Esquema de Construção - Cadeira Red and Blue

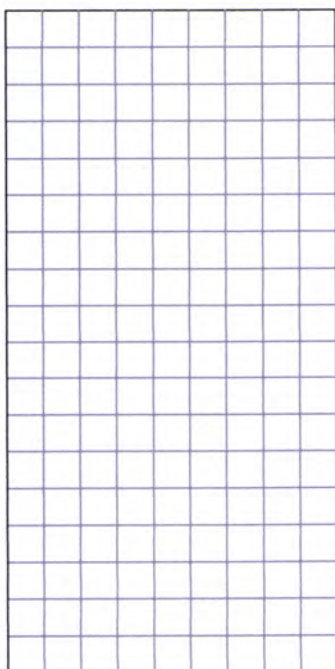
4. Ficha Trabalho - Projecções Ortogonais - Aula 26/1/2010

Projecções Ortogonais

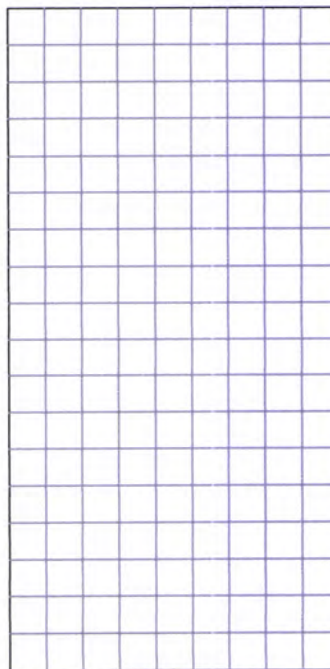
Desenha o modelo.

Esc.1/10

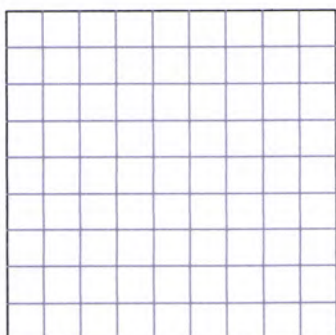
Vista de frente



Vista de lado



Vista de cima



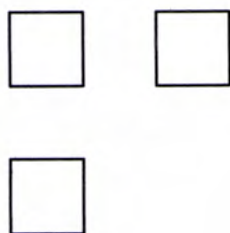
Esc.1/10

5. Ficha Informativa - Projecções Ortogonais – Sólidos Geométricos

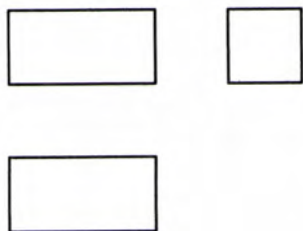
Projecções Ortogonais

Esc.1/10

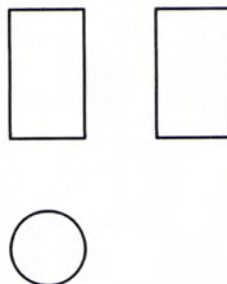
Cubo



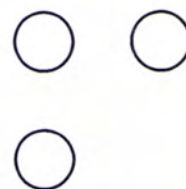
Paralelepípedo



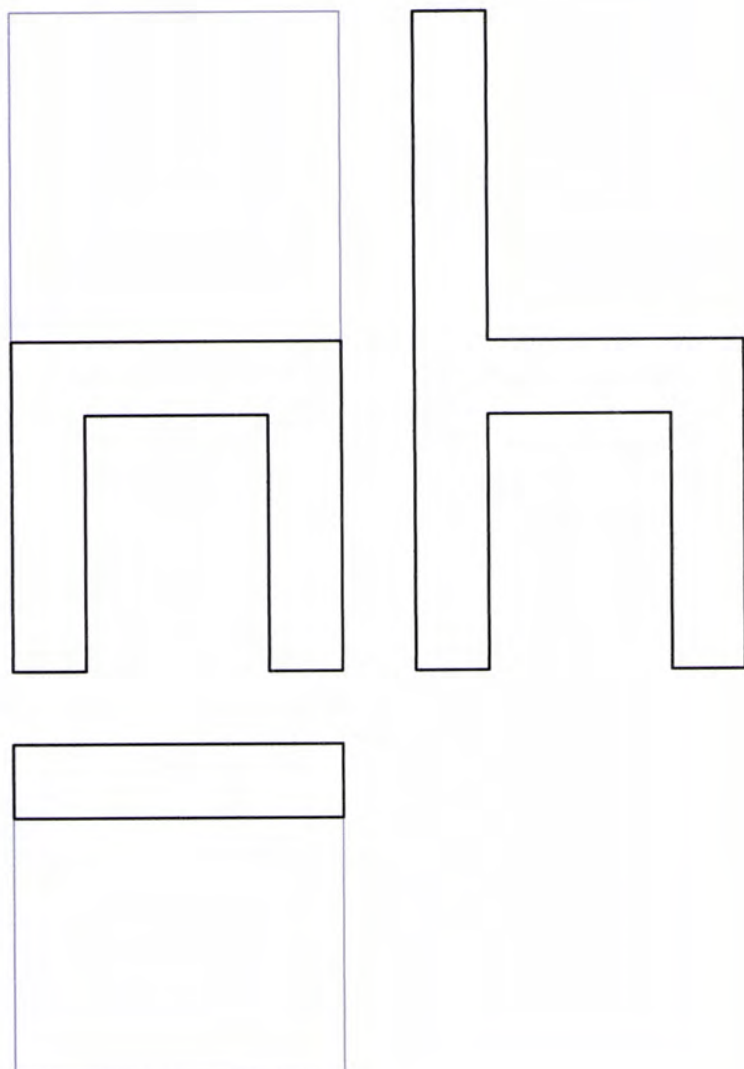
Cilindro



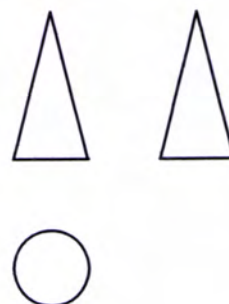
Esfera



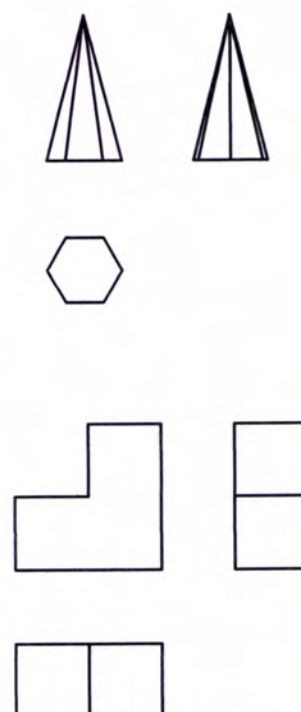
Cadeira



Cone



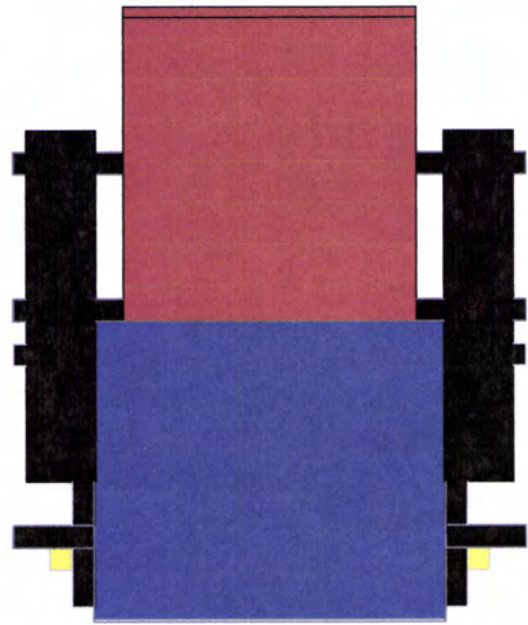
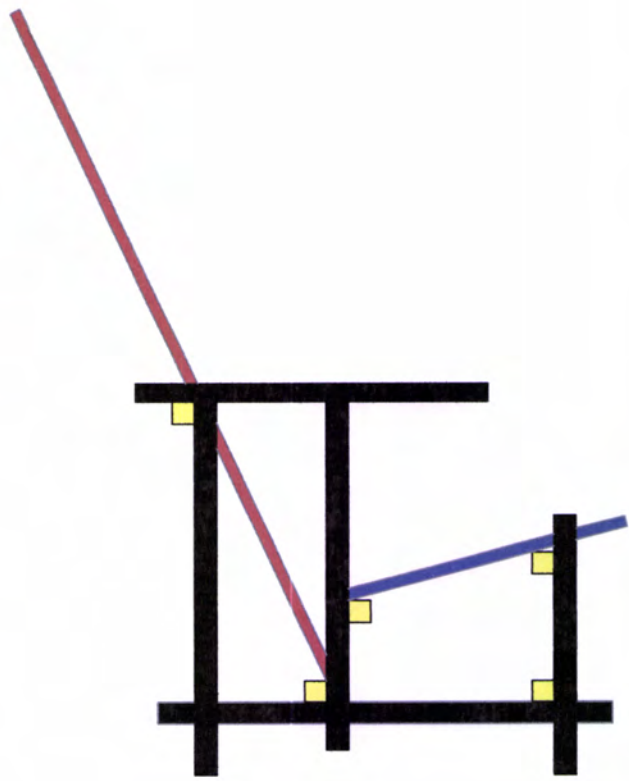
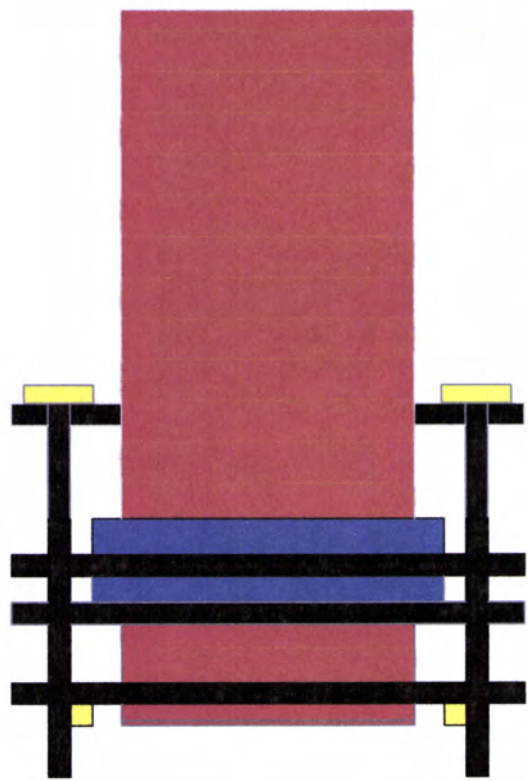
Pirâmide Hexagonal



6. Ficha Informativa - Projecções Ortogonais - Cadeira Red and Blue

Cadeira Red and Blue

de Gerrit Rietveld



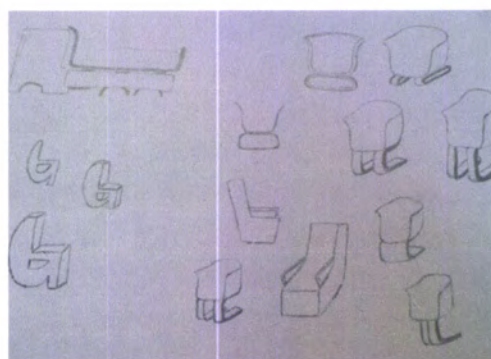
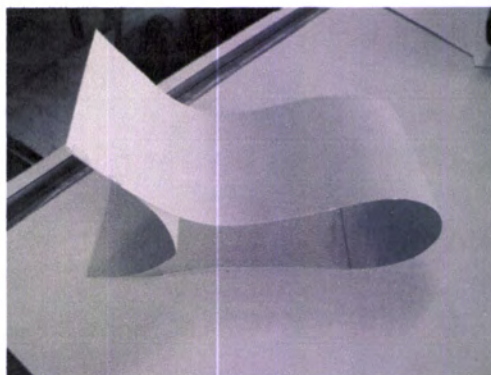
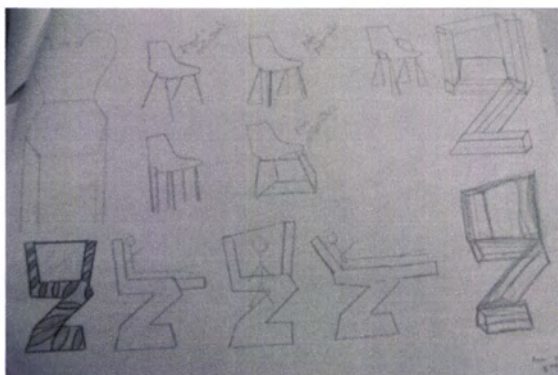
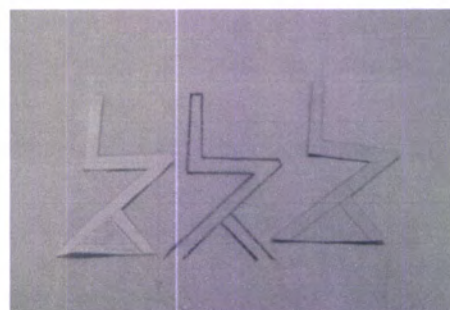
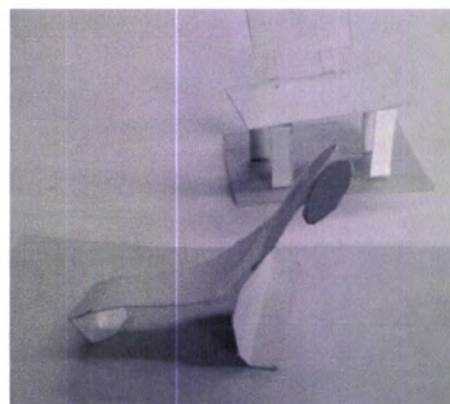
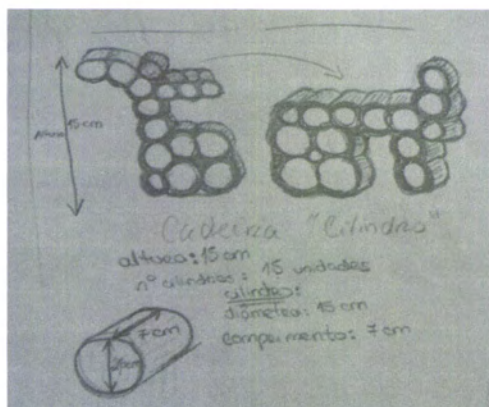
C. Imagens



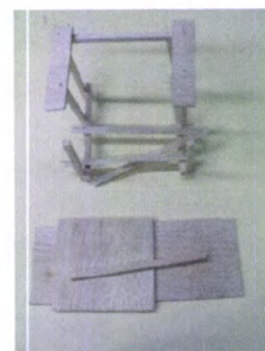
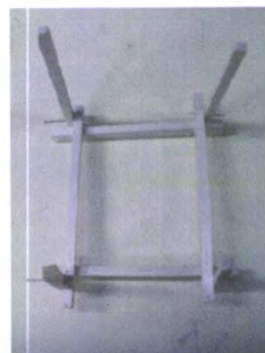
1. Modelo - Cadeira Red and Blue - escala 1/1.



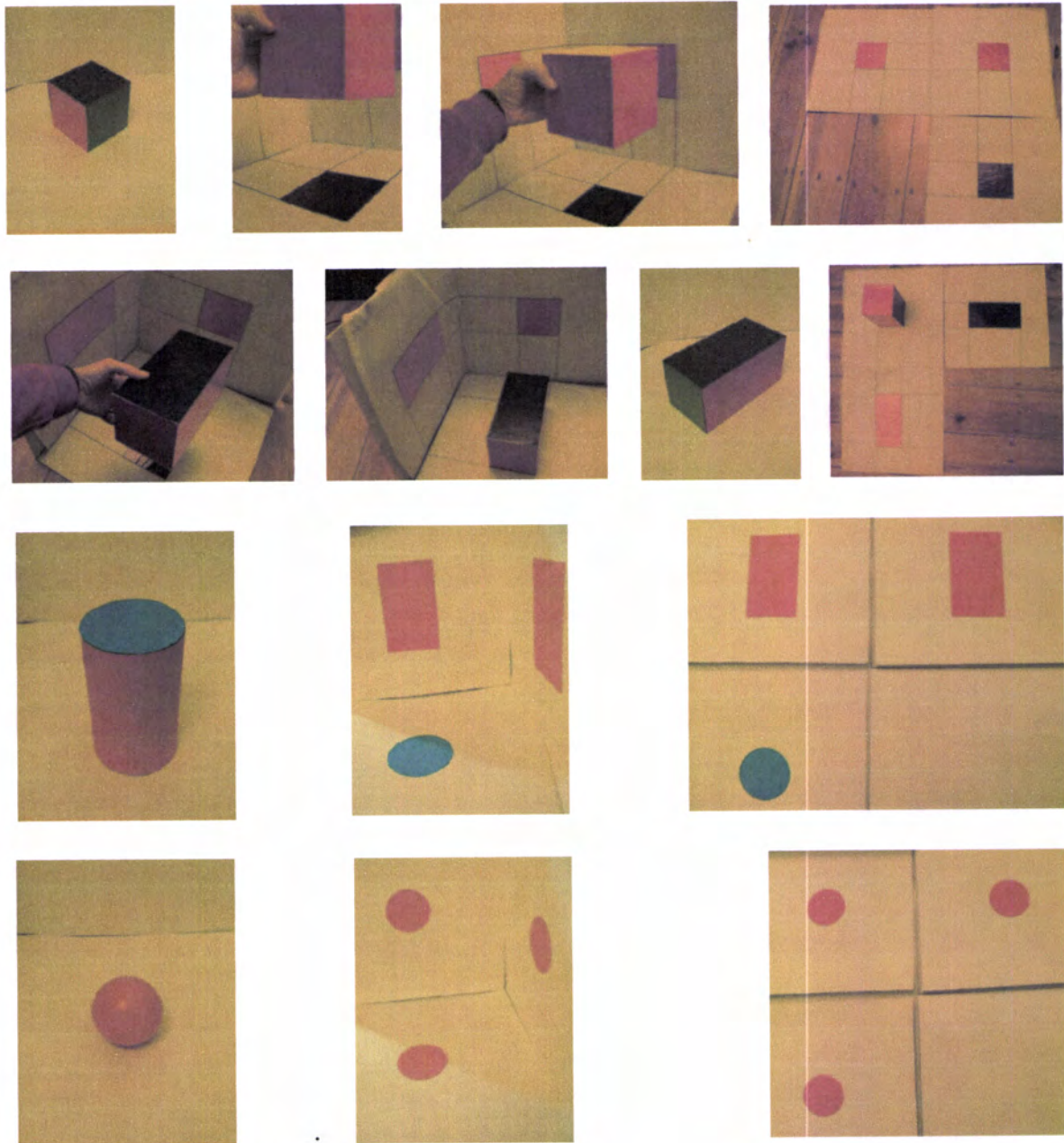
2. Modelos - Cadeira Red and Blue - escalas 1/3,1/5,1/10



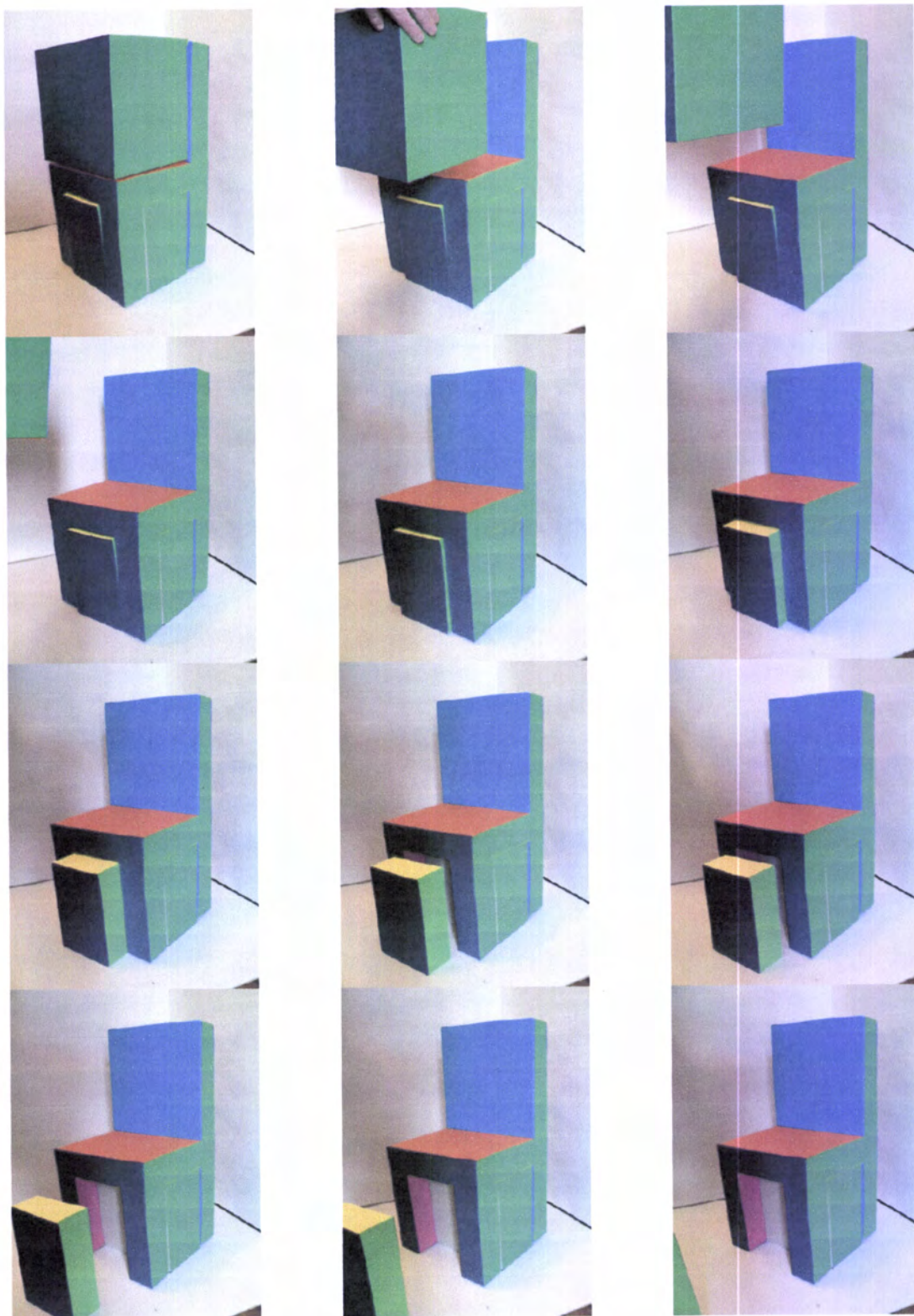
3. Trabalhos dos Alunos – 8ºE – Projecto de Cadeira - 5/1/2010.



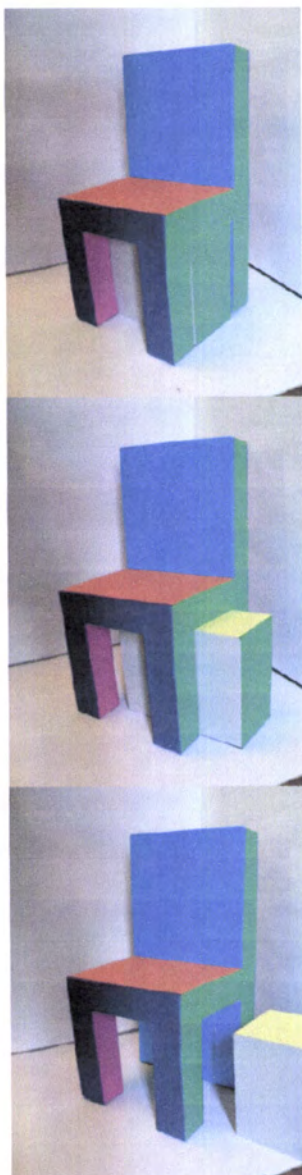
4. Trabalhos dos Alunos – 8ºE - Cadeira Red and Blue - 12/1/2010

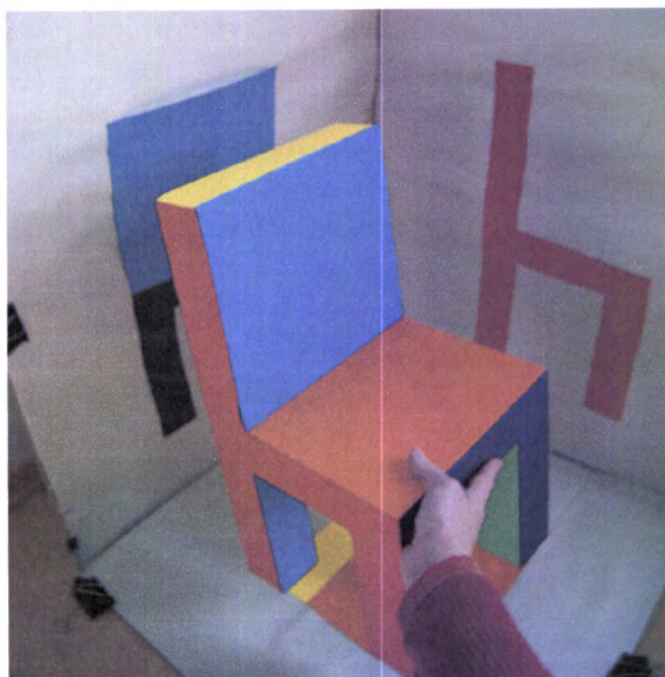


5. Modelos - Projeções Ortogonais - Sólidos Geométricos



6. Modelos - Sólidos Geométricos - Cadeira Colorida

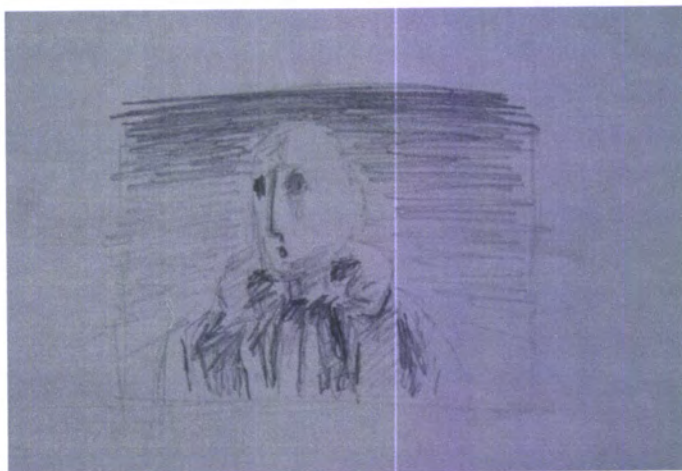




7. Projecções Ortogonais - Modelo Cadeira Colorida



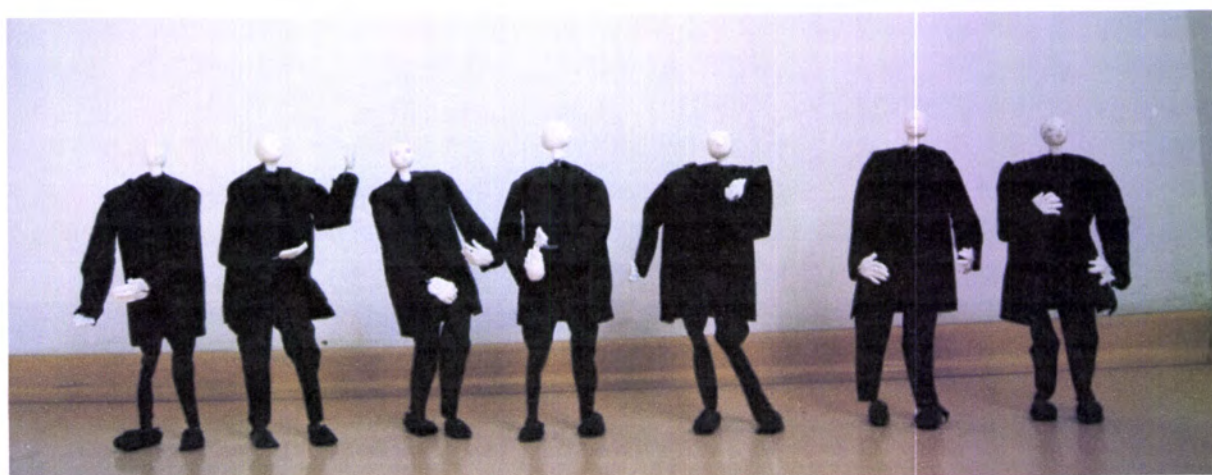
8. Modelos - Cadeira Colorida - escalas 1/1 e 1/2



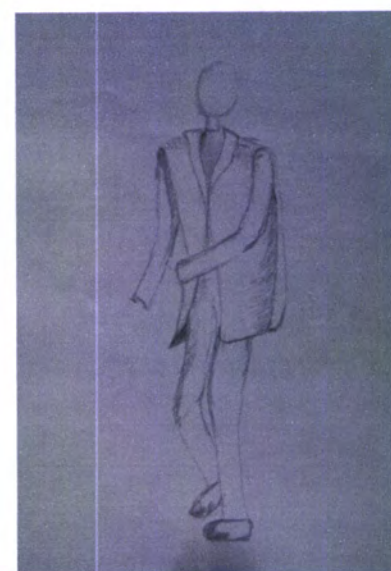
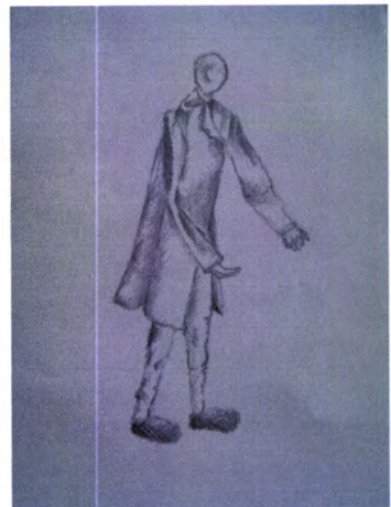
9. Trabalhos dos Alunos – 12ºH - Imagens da Animação “Balance” - Aula 26/4/2010



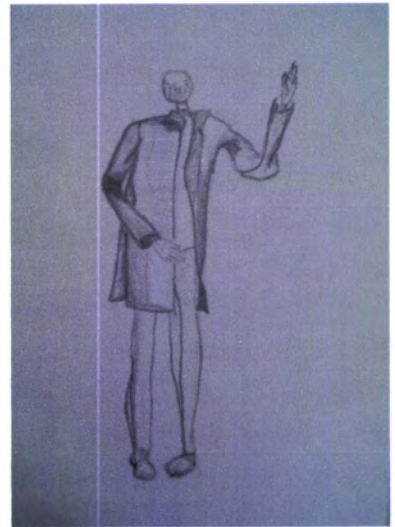


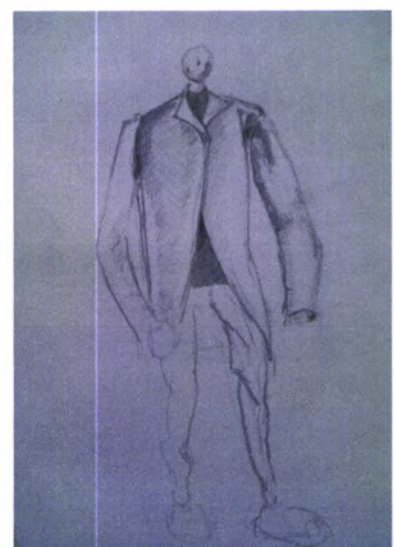


10. Modelos Tridimensionais Articulados



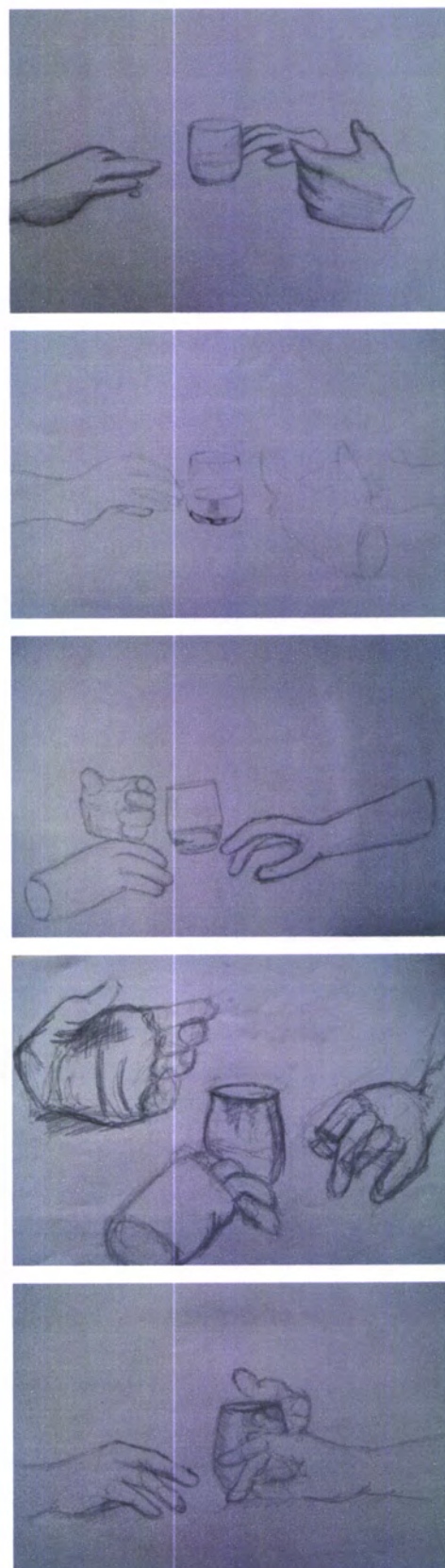
11. Trabalho dos Alunos – 12ºH - Modelos Tridimensionais Articulados – Aula 28/4/2010



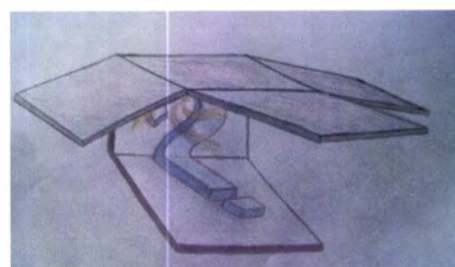
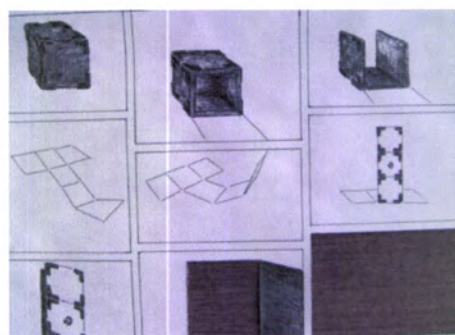
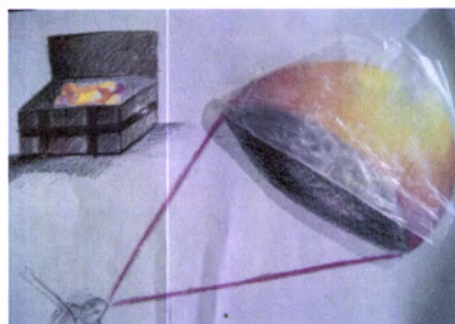




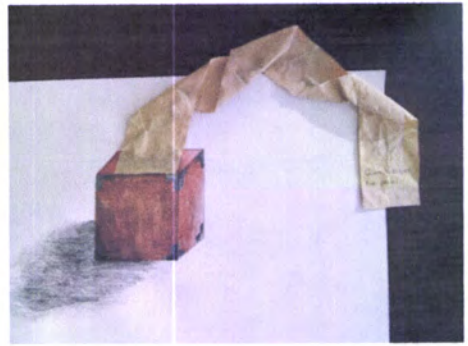
12. Modelo Mãos em Gesso



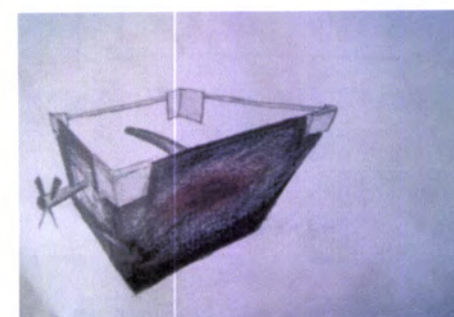
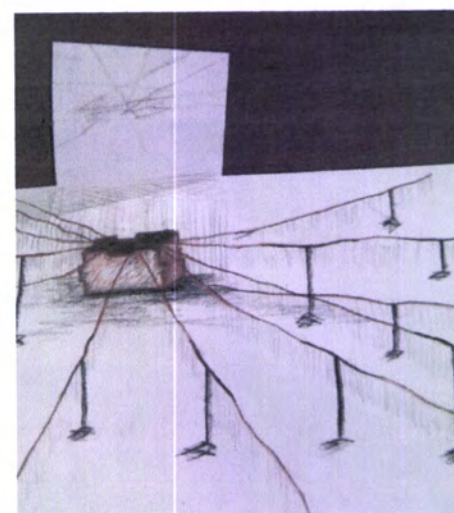
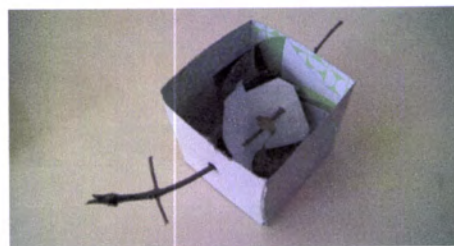
13. Trabalhos dos Alunos – 12ºH – Modelos Mãos em Gesso – Aula 28/4/2010



14. Trabalhos dos Alunos – 12ºH – A Caixa – Aulas de 28/4 a 4/5/2010









15. Trabalhos dos Alunos - Sala das Cores – Modelação em Plasticina



16. Trabalhos dos Alunos – Sala das Cores – «O Inverno»



17. Proposta para Trabalho de Natal - Sala das Cores

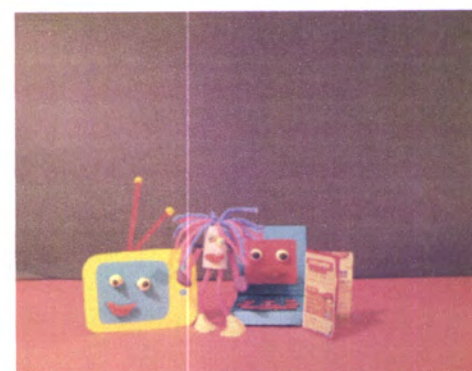


18. Trabalhos dos Alunos – Sala das Cores – «O Presépio»



19. Trabalhos dos Alunos – Sala das Cores – Pinturas em Telas

Direitos
das
Crianças



20. Trabalho dos Alunos – Sala das Cores – Animação «Os Direitos da Crianças»

21. Cartaz da Exposição - «Caminhos a Percorrer...No Sentir de uma Escola»

CAMINHOS A PERCORRER...
NO SENTIR DE UMA ESCOLA

EXPOSIÇÃO

TRABALHOS DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS
DOS AGRUPAMENTOS DAS ESCOLAS DE ÉVORA

de 17 a 24 de Março

ÁTRIO da Direcção Regional
de Educação do Alentejo . ÉVORA





22. Exposição - «Caminhos a Percorrer...No Sentir de Uma Escola»